

## ALÉM DO ESCONDE-ESCONDE:

AS FALAS DAS CRIANÇAS SOBRE SEXUALIDADE E PUDORES

# ALÉM DO ESCONDE-ESCONDE:

AS FALAS DAS CRIANÇAS SOBRE SEXUALIDADE E PUDORES

POR  
CRISTINA GOMES

TRABALHO REALIZADO COMO  
PROJETO DE CONCLUSÃO DO CURSO  
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL -  
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA CATARINA, SOB A  
ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA  
DOUTORA SÔNIA MALUF.

FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 1997.

AOS MEUS INCOMPARÁVEIS PAIS CLÉCIO E ISABEL E AO MEU  
IRMÃO ABELARDO.

PUDOR: SENTIMENTO DE INCÔMODO AO ENFRENTAR, FAZER  
OU A SER TESTEMUNHA DAS COISAS DE NATUREZA SEXUAL.  
(DEFINIÇÃO RETIRADA DO DICIONÁRIO FRANCÊS PETIT ROBERT, CITADA POR JEAN  
CLAUDE ROLOSNE EM A HISTÓRIA DO PUDOR, 1990.)

ALÉM DO BOM E DO MAL

DE JAMES H. CAMPBELL

1987

TRADUÇÃO DE J. M. S.

EDITORA DEBORA

TRADUÇÃO DE J. M. S.

1987

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

TRADUÇÃO DE J. M. S.

"REPRIMIR A SEXUALIDADE DA CRIANÇA É REPRIMIR SEU CORPO, QUE CONSTITUI NA BASE REAL DE SEU PRÓPRIO SER, SUA RELAÇÃO CONSIGO MESMA E SUA PERSONALIDADE"  
FREUD..

# ÍNDICE

ALÉM DO ESCONDE-ESCONDE.....	04
Diversidade: silêncio, exibição, curiosidade e pudor.....	09
ANEXOS I.....	19
CRIANÇA NÃO ERA CRIANÇA.....	35
Século XIX: Uma redefinição de papéis.....	39
Transformações à vista.....	43
ANEXOS II.....	46
AZUL, ROSA E SUAS NUANCES.....	55
Programados para falar o que se deve.....	57
A Escola e a Cultura de Gêneros.....	66
ANEXOS III.....	70
INFLUÊNCIAS GLOBALIZADAS.....	75
Nas malhas da rede e pelos labirintos dos games.....	78
ANEXOS IV.....	81
PAIS, MÃES E A ORIGEM.....	83
Violência Sexual.....	85
MUITAS TEORIAS E UMA PRÁTICA.....	90
A necessidade de falar.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

## ALÉM DO ESCONDE-ESCONDE...

A quinta série B, do Aplicação, colégio de classe média, em Florianópolis, é famosa por aportar as pestinhas mais incontroláveis daquela série. No início do segundo semestre, a direção precisou infligir à turma o que eles chamam de espelho de classe. Significa mudar os lugares que as crianças ocupam na sala. Os lugares agora são marcados, e uma espécie de mapa fica na sala para os professores controlarem se as “pestes” permanecem em suas devidas carteiras. Na classe, um total de 27 crianças entre dez, onze, doze anos. A aula de educação sexual, toda quinta-feira, é uma festa. Diferente das outras matérias, não exige nenhum tipo de avaliação. Nem provas, testes ou trabalhos. A ordem é falar, perguntar, conhecer, saciar as curiosidades ou trocar pequenas histórias e comentários. As histórias são contadas ao pé do ouvido e, diferente de alguns bons anos atrás, são compartilhadas entre meninos e meninas. Nos anos 90, tentar ignorar a sexualidade emergente de crianças e pré-adolescentes é praticamente impossível. Atropelados e repletos de informações por todos os lados fica difícil saber o que eles ainda não viram.

A aula é sobre “palavrões”. É dessa maneira que a professora Maria Helena Lima se refere aos nomes dados a determinadas atitudes sexuais. Ela pergunta: Que nome vocês dão para relação sexual? Para o ato de fazer amor? As respostas vêm numa avalanche: Transar! Trepar! “Nhánhá”! Foder! Meter! “Afogar o ganso”! “Molhar o biscoito”! Meninos e meninas se revezam e repetem várias vezes os nomes dados para relação sexual. Luiza, uma das musas da sala, que participa ativamente da aula provoca: “Ô professora, a minha



mãe fala prá mim assim (e procura imitar a mãe debochando): Minha filha, eu não vou transar, eu vou fazer amor". A turma cai na risada. E a professora entra em "defesa" da mãe, explicando que ela está certa em dizer fazer amor porque "só devemos nos relacionar sexualmente com alguém se realmente amamos este alguém". Mais do que rapidamente um dos meninos replica: "Ah, professora, mas eu vi no *SBT Repórter* uma mulher dizendo que gosta de transar por transar. Ela faz filme pornô." A sala se alvoroça novamente e todos começam a comentar sobre o programa que tinha como tema atores e atrizes de filmes pornográficos. Os mais animados dos meninos são Felipe, Leandro, Fábio, André e Mário. Das meninas, a que mais fala é Luiza, o resto participa uma hora ou outra. Algumas meninas se comportam como se não estivessem ali: trocam desenhos entre si, ou simplesmente parecem voar para algum lugar bem distante. Maria Helena retoma a conversa perguntando nomes para a masturbação. "Bater punheta!" "Siririca!" Os nomes referem-se à masturbação masculina e feminina, mas a conversa pára na masturbação masculina. Os meninos acusam alguém de ter se masturbado dentro da sala de aula. Leandro, parece saber quem foi e ameaça contar. Os outros começam a chamá-lo de fofoqueiro e a professora é obrigada a chamar a atenção do magrelo da turma para que ele desista, enfim, da revelação.

Sem perder o entusiasmo, Maria Helena passa para mais uma etapa da aula: Sexo Oral. "Boquete!" "Boquete!" Felipe, o mais excitado da aula, levanta da carteira fecha as mãos na frente do pênis e as movimentam como se alguém estivesse fazendo sexo oral em seu pênis. A professora chama sua atenção, ele senta. A sala é só risos. Felipe levanta de novo e faz a mesma encenação. O sinal bate. Todos se dispersam. Alguns, como Luiza e Felipe, vão correndo conversar e dividir segredos de liquidificador.

A garotada do CA tem o perfil sócio-econômico bastante diversificado: são filhos de servidores, professores, funcionários públicos, profissionais liberais. Apesar de apresentar essa mistura de classes sociais, o perfil do colégio, talvez por pertencer à universidade, é de um colégio de classe média intelectualizada.

*Muito antes de nascer na barriga da mamãe  
Já pulsava, sem querer, o meu pequenino coração  
Que é sempre o primeiro a ser formado  
Nessa linda confusão.*

*Muito antes de nascer na barriga da mamãe  
Já comia pra viver x-salada, bala ou bacalhau  
Vinha tudo pronto e mastigado  
No cordão umbilical.*

*Tanto carinho, quanta atenção, coloquentinho  
Ai que tempo bom!  
De umbigo a umbiguinho, em elo sem fim  
Num cordãozinho de mamãe pra mim.*

*Muito antes de nascer na barriga da mamãe  
Começava a conviver, com as mais estranhas sensações  
Vontade de comer de madrugada  
Marmelada ou camarões.*

*Muito antes de nascer na barriga da mamãe  
Me virava pra escolher, a mais confortável posição  
São nove meses sem se fazer nada  
Entre água e escuridão.*

*De umbigo a umbiguinho  
Toquinho e Elifas Andreato*

A atenção que o Aplicação reserva para a sexualidade das crianças acontece desde o primário. Através das observações de professores foi diagnosticado que era necessário e urgente algum tipo de diálogo também nas séries iniciais. "Sentimos a necessidade de tratar desse assunto quando assistimos as crianças falarem sobre o assunto ou ainda um aumento do contato entre eles. As meninas reclamavam muito dos meninos passarem a mão na bunda, essas coisas...: *"Professora, fulano passou a mão na minha bunda!"*. Entre os meninos, um caso que chamou atenção foi de um menino que era constantemente perturbado pelos outros porque brincava de boneca com as meninas. Eles o chamavam de "mulherzinha", conta a orientadora educacional Maria Luiza Ferraro.

É na aula de Enriquecimento Pessoal que as crianças do primário recebem algumas informações sobre "o que é certo e errado", papéis sexuais, respeito pelo próprio corpo e pelo do outro. Através de jogos e brincadeiras, a professora tenta enfatizar valores morais para as crianças. Quando as meninas começaram a reclamar das investidas dos meninos, a orientadora decidiu trabalhar com a questão do corpo.

Argilas e massinhas de modelar percorreram as mãozinhas das crianças para que estas construíssem seus próprios corpos. Tanto os meninos quanto as meninas modelaram nos bonecos seus órgãos sexuais. Apesar da pouca idade, algumas meninas desenharam-se com seios. Exemplo de que o sexo está diretamente ligado aos sentimentos, aos sentidos e à forma como o indivíduo se vê e se representa, é o molde que uma garota paraplégica fez do seu corpo. O molde recebeu formas somente da cintura para cima.

Para "resolver o problema" do menino que era constantemente chamado de "mulherzinha" pelos meninos, Maria Luiza trabalhou a questão dos papéis sexuais. Utilizando livros e exemplos do

cotidiano, a orientadora tentou mostrar para a turma que todos podem fazer o quiserem: menina brincar de bola e carrinho, menino brincar de boneca e casinha. Uma semana depois da aula, a orientadora recebeu um cartão de agradecimento de Fernando que agora não é mais incomodado pelos colegas.

Além de contarem com as aulas semanais ou com as eventuais, no caso das classes primárias, os alunos do Aplicação recebem um espaço aberto para conversas individuais com as orientadoras.

Nas escolas estaduais a disciplina de Educação Sexual ainda não faz parte do currículo escolar, mas a sexualidade da meninada não é ignorada. Orientadores educacionais utilizam disciplinas como Educação Física, Português e Biologia para travar conversas sobre sexo e drogas. Uma das propostas da LDB (Lei de Diretrizes e Base), que estabelece os fundamentos e as diretrizes para formulação da política educacional brasileira nos vários níveis e modalidades, é que a aula de Educação Sexual não entre como uma disciplina isolada, mas faça parte dos discursos e das práticas pedagógicas de todos os professores.

A Secretaria da Educação junto com a Secretaria de Saúde promoveu, em julho deste ano, palestras para monitorar os orientadores educacionais de forma que estes elaborassem seminários e palestras nos colégios. Das 22 escolas que participaram destas palestras, somente uma já atingiu o objetivo final: o Colégio Padre Anchieta. Situado no bairro da Agrônômica, o colégio recebe crianças e adolescentes dos principais morros da cidade: Xeca-Xeca, Vinte e Cinco, Horácio, Santa Rosa, Caixa. Grande parte da população desses morros sobrevive com renda menor que um salário mínimo. As famílias, que têm em média de cinco a sete

membros, subsistem em condições precárias de moradia, saúde e alimentação.

Em setembro passado, a orientação educacional do Padre Anchieta promoveu um seminário sobre sexualidade com 40 crianças da quarta série do primeiro grau à segunda série do segundo grau. As crianças foram escolhidas através de questionários. O critério para a seleção foi a desinformação.

Segundo a orientadora Ana Lúcia Farias, o seminário foi um sucesso. Os alunos participaram ativamente das oficinas e palestras com interesse diferente daquele dirigido às outras disciplinas. No começo do seminário os sinais de constrangimento como as risadas abafadas tomavam conta da maioria mas, segundo Ana Lúcia, a curiosidade superou o pudor.

Mesmo com este trabalho desenvolvido no Padre Anchieta, alguns estereótipos em relação à vivência e ao imaginário sexual de crianças de classes populares, se reproduzem dentro do próprio colégio. A primeira informação recebida no colégio foi dada por uma professora com tom de pouca novidade ou surpresa: "*Aqui quase todas as meninas da quinta, sexta série já transaram*". A próxima entrevista revelou que a afirmação deve ter vindo do imaginário criativo da professora. A orientadora Ana Lúcia negou a informação. Admitiu que existe um caso ou outro, mas que o normal não é que as meninas sejam tão experientes. A realidade colocada é bem diferente daquela expressa no comentário da professora e fácil de ser conferida nos questionários distribuídos nas classes e em algumas conversas.

DIVERSIDADE: SILÊNCIO, CURIOSIDADE, EXIBIÇÃO E PUDOR

Sheila e Ângela estão na terceira série mas, como a maioria dos colegas de classe, já ultrapassaram a idade referente à série, que deveria ser de nove anos. Na terceira série C, do Padre Anchieta, as idades dos alunos e alunas vão de 11 a 14 anos. Sheila tem 12 e Ângela, 11. O principal motivo para o atraso se deve ao abandono recorrente que tem como causas as mudanças na estrutura familiar. As crianças precisam ajudar os pais: ou trabalham em casa ou vão para rua fazer biscates.

Diferente do Aplicação onde tanto meninos quanto meninas imploraram para ser entrevistados, Cláudia e Ângela tiveram que ser convencidas pela professora Lionete a conversar sobre sexo. Um pouco antes de chamar as duas, a professora contou que ficou perplexa ao descobrir que, ao falar sobre assuntos como reprodução e menstruação, em uma das aulas de Biologia, a garotada não reagiu com “muita naturalidade”. A reação foi uma mistura de curiosidade e vergonha. A partir disso, a professora, resolveu então falar mais com os alunos sobre corpo e sexualidade.

Para desespero confessado da rechonchuda Cláudia, que não estava presente no dia em que a professora falou sobre menstruação, uma de suas colegas entregou que ela já era “mocinha”. Hudson, um moreno magrelo de olhos que soltam faíscas, tratou de infernizar a vida da menina com a frase saltitante: *A Cláudia já é mocinha, a Cláudia já é mocinha...* Daniela, a outra “mocinha” da sala também ouve as brincadeiras, mas se importa menos que Sheila.

Cole, como Cláudia é chamada em casa, responde com firmeza quando a pergunta é sobre paquera ou namoro dentro de sala de aula: “Ah, eu não gosto dessas histórias dos meninos ficarem pegando no pé. Tem menina na sala que troca de camisa com eles, que dá muita confiança para eles, mas eu não faço isso. Se eu deixar, depois é difícil

de tirar a mania deles. *Namorar?* Só depois dos quinze anos. A gente não tem muita cabeça para isso”. Ângela divide, calada, só com alguns movimentos afirmativos, a mesma opinião da amiga. *E ficar?* Cláudia é irreduzível: “Nem ficar. Eu acho os meninos bonitos, mas é só”. Ângela titubeia e acaba confessando que já beijou o vizinho escondida dos pais.

O incômodo ao responderem perguntas relacionadas a sexo fica explícito. As respostas são monossilábicas e as faces ruborizam o tempo todo. Apesar de falar mais, Cole demonstra mais pudor que Ângela. “Filme com cena de sexo? Ah, eu não vejo. Outro dia a minha irmã de dez anos queria ver e eu não deixei. É muito pouca vergonha. A minha mãe disse para eu deixar ela ver, mas eu não deixei. O meu pai falou: *É isso mesmo Cole, não deixa*”, conta com orgulho. Por fim, as duas amigas desabafam que não gostam quando a professora fala de sexo na sala de aula. “Eu não gosto. Tenho muita vergonha”, confessa Cláudia.

Bárbara, 12 anos, também aluna do Padre Anchieta, está no seu segundo namoro. A postura e o tom de voz parece ser de uma menina mais velha. Os olhos amendoados e “puxados” dão um ar egípcio à garota. Diferente de Cláudia e Ângela, acha importante que tenha aula de educação sexual no colégio. Assim, não precisa ficar escutando escondida a conversa da irmã de dezessete anos com a mãe. “Eu tenho curiosidade de saber como se faz”, confessa a menina. Apesar do interesse, assim como Cláudia e Ângela, não está em seus planos transar tão cedo. “Lá pelos 15, 16 anos”. As tentativas dos namorados, principalmente do primeiro, foram incontáveis. Mesmo confessando, de forma bastante reservada, a vontade de transar, Bárbara acha que não é a hora.

Colegas de classe da garota de olhar egípcio, Francisco e Luiz César foram apontados por ela como os mais bagunceiros e

desbocados da sala. Com 13 e 12 anos, respectivamente, os dois garotos participaram do tal seminário promovido pela escola. Como Cláudia e Ângela, respondem às perguntas mais íntimas da maneira mais econômica possível ou nem respondem. Luiz César é o mais envergonhado e esconde o rosto dentro da camisa. Não falam de namoradas, rolos e nada revelam sobre os objetos de desejo que povoam suas fantasias. O comportamento é de total constrangimento, em resposta ao caráter invasivo das perguntas. Os olhares de cumplicidade revelam que o pudor é só no público. As risadinhas nervosas delatam que o assunto não é novidade e o mutismo é uma opção. Aos poucos, Francisco vai se soltando e falando mais. A pergunta é colocada ignorando todos as respostas anteriores: “*Já chegaram perto de transar?*”. Francisco fala que já e começa a contar uma história que teve com a vizinha. “Ela que insistiu. Os pais dela não estavam em casa e a gente foi prá lá”. *Transou ou não?* “Transei”. Luiz César não pára de rir. “O que que tu tá rindo? Tu falou que já transou também. Tu tá com vergonha de contar agora”, dispara Francisco. Luiz faz que não com a cabeça.

Madonna, Carla Perez, Louise e Sharon Stone. Alguns nomes citados por Bruno, Lucas, Henrique e Luiz Roberto como as personagens principais de suas fantasias. Alunos do Coração de Jesus, colégio de classe média alta com formação católica, os meninos falam animadamente das “novas descobertas” de seus corpos e das pequenas experiências.

“Oh, tia, eu já tô gozando uns pinguinhos”, conta Bruno, de onze anos, o mais irrequieto dos quatro. De cabelo espetado e sorriso fácil, fala sem parar. O corpo se estica todo como se levasse pequenos choques e os lábios são sugados mostrando a sua excitação com a conversa.



“Ah, eu já fiquei com a Sabrina, com a Gabriela...Já dei selinho na Gisele”, enumera o menino.

“Eu também já tô gozando. Mas não tudo. Só uns pingos”, conta Luiz Roberto, também de onze anos, o segundo mais desinibido.

Lucas e Henrique são os mais calados mas respondem calmamente a todas as perguntas. *Alguma dúvida sobre sexo?* “Nenhuma, que a gente saiba”.

Os quatro garotos são da quarta série G. Como nas outras nove quartas séries do colégio receberam, este ano, duas aulas específicas sobre Educação Sexual. No Coração de Jesus, a disciplina só aparece de quinta a oitava série e, mesmo assim, como optativa. As aulas foram ministradas pela orientadora educacional Dilma Gevaerd. O “gancho” para as aulas são as lições sobre reprodução e mudanças ocorridas na adolescência que aparecem no livro de Ciências.

O método utilizado pela orientadora foi primeiro pedir aos alunos que escrevessem num papel, anonimamente, dúvidas sobre sexo. Na segunda aula, com base nas perguntas, Dilma tentou esclarecer os interesses e curiosidades. A orientadora afirmou, como Maria Luiza, do Aplicação, que as perguntas de um ano para o outro, estão cada vez mais específicas. Dilma procurou sanar todas as dúvidas mas, devido a uma preocupação com os pais, e não por pudor, ela deixou de esclarecer uma determinada e freqüente interrogação: O que é sexo oral?

“Escapou” com sucesso em oito séries, mas na 4ª I, um menino levantou o dedo e disparou a pergunta. “Ele fez mais para ver a minha reação”, conclui a orientadora, “muitos já sabem o que estão perguntado, eles querem saber dos detalhes ou ter certeza”.

A orientadora tem razão quando fala que muitos já sabem o que estão perguntando. “A gente só fez aquelas perguntas porque era obrigado. Todas as perguntas que eu fiz, eu já sabia”, confessa Luiz

Roberto. “A aula é muito chata. A professora só explica como é o pênis, os órgãos sexuais. A gente não pode falar o que fala aqui. Se a gente falar o que quiser pega suspensão”, emenda Bruno.

Graziela, Maria Eduarda, Márcia e Anabel colegas de classe de Lucas, Henrique, Bruno e Luiz Roberto também admitem que fizeram perguntas cujas respostas já conheciam. “Teve coisa falada na aula que eu já sabia desde os meus oito anos”, revela a simpática Graziela. A loirinha de cabelos curtos e olhar alegre conta: “Ah, eu sempre perguntei as coisas para minha mãe. Uma vez eu perguntei se masturbação é para fazer todo dia. Quando ela ia pro quarto com o meu pai eu perguntava se eles iam transar”. “Ah, eu acho que eles têm todo o direito. O meu pai fala: ‘Vai brincar Maria Eduarda que eu quero conversar com a tua mãe’. Eles têm direito de ficar sozinhos. Eu acho que quando eu for mais velha e casada eu também vou querer privacidade”, interrompe Maria Eduarda.

As quatro falam quase ao mesmo tempo. Anabela, de cabelos volumosos e óculos, é a mais quietinha. Maria Eduarda, Graziela e Márcia atravessam uma na frente da outra para falar. “Os meus pais sempre me deram livros e vídeos, então desde pequena eu já sabia como era. Todo mundo me chama de precoce”, conta Márcia. “Ela é mesmo precoce. Tudo acontece antes com ela”, fala Anabela que não conta nem com fitas e livros e nem com a conversa da mãe. Os pais nunca tocaram no assunto. “Às vezes a minha mãe levanta a minha blusa e fala: Deixa eu ver se você já tem peitinho, mas é só isso”, conta a pequena.

“A gente fala mais sobre esses assuntos entre nós que somos muito amigas. Os meninos falam entre eles e prá gente. O Bruno falou outro dia para Márcia porque ela tava com shortinho, era gincana, ele falou: ‘O meu pingulinho vai ficar duro’. Eles falam um monte e

ficam atrás da gente fazendo gesto que vão comer a gente. Chamam a gente de cobaia e falam: “Vem chupar meu puxipop”, diz Graziela. “Eles ficam cantando um monte de besteira”, informa Anabela. “É, eles cantam pirulito que bate, bate...”, começa Márcia.

*“Pirulito que bate, bate*

*Pirulito que já bateu*

*Quem goza em mim é ela,*

*Quem goza nela sou eu”*

“O Luiz fala que ele bate, bate e depois vem um líquido branco que fica transparente” emenda Maria Eduarda.

“Eu acho que não tem nada de errado com a masturbação. Eu perguntei prá minha mãe, mas ela não disse: Ah, minha filha, é muito bom, tu deve fazer sempre, mas também não falou que era errado. Prá mim, a masturbação é uma maneira de a gente sentir prazer sozinho”, expõe a mais falante das quatro, Maria Eduarda.

Graziela também fala quase ao mesmo tempo: “A minha mãe também não fala prá mim fazer. Ela diz: “você que sabe o que é melhor”. Ela não diz nem que não nem que sim”. Márcia e Anabela concordam com Maria Eduarda. Não existe nada de errado com a masturbação. *Quem já se masturbou?* O dedo de Maria Eduarda levanta rapidamente e as outras três começam a rir. Num segundo momento, quem começa a contar com detalhes como se masturba é Graziela. “Ah, eu pego o travesseiro e começo a apertar e fazer força. Eu já fiz um dia na tua casa (e aponta para Maria Eduarda). Aí eu aperto bem e começo uma sensação boa. Mas só dá vontade de fazer uma vez”, explica com naturalidade surpreendente a loirinha.

“O gozo é o espermatozóide?”

“Se estourar a camisinha tem perigo de pegar Aids?”

“Como o esperma entra no corpo da mulher?”

“Como o bebê pode ficar no corpo da mulher?”

“Por que a gente sente tesão?”

“Como o ovo da mulher pode virar sangue?”

Depois de alguns minutos de conversa Vinícius, Silvio, Jair e Tomás, despejaram as perguntas. A iniciativa partiu do baixinho da turma, Silvio: Ah, eu vou perguntar mesmo porque eu quero saber: “Se a mulher transar quando estiver menstruada ela pode engravidar?” Os curiosos são da 501, uma das cinco turmas da quinta série do Padre Anchieta. Com onze anos de idade, os quatro já passaram por todas as experiências da idade: beijo de língua, namoros curtos e “rolos”. No início da conversa, Tomás, como Francisco e Luiz César, não parava de rir e tentar dividir segredos com Vinícius, que não deu bola para o amigo e entrou rapidamente no clima da entrevista. Jair e Silvio também acompanharam Vinícius. Tomás, sem escolha, entrou na conversa: “Eu falo mais com o meu pai. Ele vem perguntar se eu tenho alguma dúvida. Esse final de semana eu perguntei porque o ovo da mulher vira sangue, aí ele não sabia responder e chamou meu tio, mas ele também não sabia”, conta o menino.

“Mas o que é mesmo masturbação?”, dispara Suellen. Entre Rosa, Gabriela e Débora é a mais desinibida e a que representa ser mais velha. O corpo já está bem desenvolvido: a cintura marcada e os seios são aparentes. As amigas observam atentamente e, aos poucos, participam da conversa. A pergunta é uma surpresa já que Suellen é a mais falante e minutos atrás havia afirmado, como as outras três, não ter nenhuma dúvida. *E a mesma coisa que “bater Siririca”*. O ponto de interrogação permanece no rosto da menina. *A mesma coisa que “bater punheta”*. “Ah!” entende a menina, por fim.

esse passage ~ fr<sup>te</sup> f<sup>ts</sup>

Pensar em pudor é buscar algumas imagens do cotidiano em nossas mentes: faces ruborizadas, vergonha de ficar nu na frente de estranhos e pessoas íntimas, embaraço ao falar de experiências sexuais. Mas em qual momento de nossas vidas infantis enfrentamos o primeiro sentimento de pudor? De que maneira esse sentimento vai sendo construído? Quais os dispositivos, símbolos e significados velados que vão transformando, à medida que vamos crescendo, as atitudes, linguagens e discursos que envolvem a sexualidade? De onde vêm as influências que constroem uma fala específica das crianças e pré-adolescentes?

O domínio do discurso sexual na década de 90 está cada vez mais abrangente e, de forma certa, as crianças fazem parte deste discurso e, em muitos casos, o dominam com eficiência.

A preocupação explícita com a sexualidade e com o comportamento sexual das crianças, vem de pouco tempo. A própria ausência de uma disciplina específica sobre educação sexual nos currículos escolares revela esse atraso. É quase impossível não relacionar o surgimento de uma educação sexual em função de uma forte repressão exercida pela sociedade.

Wilhelm Reich foi um dos primeiros estudiosos a propor de uma forma mais concreta um tipo de educação sexual. Já na década de 40 falava sobre contraceção, aborto, prazer sexual e divórcio.

O primeiro país a adotar a Educação Sexual como disciplina nas escolas foi a Suécia, em 1942. A disciplina foi declarada obrigatória em 1956. No Brasil, as tentativas começaram nos anos sessenta. Precisamente em 63 e 69, algumas escolas alternativas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte que adotavam novas propostas pedagógicas tentaram implantar a orientação sexual nos programas. O fracasso dos projetos ocorreu devido ao golpe de Estado de 1964. As

Secretarias de Educação usaram como argumentos a imoralidade e a inutilidade da disciplina.

A abertura política da década de 80 possibilitou discussões mais intensas e propostas mais explícitas para a Educação Sexual nos colégios.

A necessidade de implantar um espaço e um tempo determinado para uma orientação sexual ressurge. As atuais observações domésticas e escolares das falas feitas pelas crianças vão reforçar a emergência dessa prática. A orientadora do CA, Maria Luiza, confessa que a decisão em criar uma disciplina de Educação Sexual veio das conversas entre ela e a professora de Biologia. Ambas concluíram que a curiosidade e o interesse extrapolavam qualquer disciplina e pediam algo mais dirigido e específico. “A cada ano que passa a linguagem das crianças se modifica e seus interesses também. Os assuntos que eu abordava dois anos atrás na sétima série, eu abordo hoje na quinta.”

Antes de uma atenção específica para a sexualidade da criança e para a forma com que ela expressa esta sexualidade, a atenção voltada para a criança e para o adolescente era quase inexistente.

ANEXOS I

ANEXOS I

QUESTIONÁRIOS DO APLICAÇÃO



Oi, esse questionário é pra saber um pouquinho mais da sua vida. Como é o seu cotidiano sentimental. Seus desejos, fantasias, sonhos. Como a escola e a família trata você nessa fase importante de transição criança-adolescente-adulto.

● Quais as brincadeiras que rolam no colégio?

Sutebol

● Quais as brincadeiras que rolam em casa?

Dominó e Futebol

● Quais os programas prediletos da TV?

SPORT TV cine prime &

WORK  
CARTOON NETWORK ~~TOURKOR~~

● Você tem hora pra ir para cama?

Não

● Você tem acesso a qualquer programa de TV, mesmo escondido?

Sim cine prime

● O que você acha da Xuxa e da Angélica?

GOSTOSA

● Você tem namorado ou namorada?

Mais ou menos

● Com quantos anos você deu o primeiro beijo?

Nenhum

● Os seus pais liberam você para namorar?

Não

● Que tipo de conversa você tem com seus pais em relação a sexualidade? Eles costumam conversar e esclarecer as suas dúvidas?

Só entre eles.

● Que tipo de proibições existem na sua casa? Pode ficar sozinho ou sozinha com o namorado ou namorada em casa? Pode tomar banho de porta aberta? Você anda nu normalmente pela casa? Fala palavrão?

Nenhuma. Não. Sim. Não. Mais ou menos.

● Quais as suas maiores dúvidas sobre sexo?

Nenhuma

● Conte um fantasia ou um sonho que você tem.

Conhecer todas as mulheres gostosas.

Oi, esse questionário é pra saber um pouquinho mais da sua vida. Como é o seu cotidiano sentimental. Seus desejos, fantasias, sonhos. Como a escola e a família trata você nessa fase importante de transição criança-adolescente-adulto.

- Quais as brincadeiras que rolam no colégio? R: SARIING, REGENCIAS, Porcentagem
- Quais as brincadeiras que rolam em casa?
- Quais os programas prediletos da TV? R: "Sai de Baixo", Novelas: "Chiquititas e A Incondomada",
- Você tem hora pra ir para cama? R: Sim
- Você tem acesso a qualquer programa de TV, mesmo escondido? R: Sim
- O que você acha da Xuxa e da Angélica? R: Elas são bonitas,
- Você tem namorado ou namorada? R: Não
- Com quantos anos você deu o primeiro beijo? R: Nenhum
- Os seus pais liberam você para namorar? R: De minha Mãe
- Que tipo de conversa você tem com seus pais em relação a sexualidade? Eles costumam conversar e esclarecer as suas dúvidas? R: Eu vejo
- Que tipo de proibições existem na sua casa? Pode ficar sozinho ou sozinha com o namorado ou namorada em casa? Pode tomar banho de porta aberta? Você anda nu normalmente pela casa? Fala palavrão? R: Brigar com meu irmão, mãe temha como é que eu vou ficar sozinho, os veres, não, sim
- Quais as suas maiores dúvidas sobre sexo? R: Como é que é o sexo normal, hormonal e normal
- Conte um fantasia ou um sonho que você tem. R: Ver o "Jean Claude Van Damme"

Oi, esse questionário é pra saber um pouquinho mais da sua vida. Como é o seu cotidiano sentimental. Seus desejos, fantasias, sonhos. Como a escola e a família trata você nessa fase importante de transição criança-adolescente-adulto.

SEXO: FEMININO.

- Quais as brincadeiras que rolam no colégio? Verdade ou Consequência e Truco.
- Quais as brincadeiras que rolam em casa? Polícia e ladrão e Verdade ou Consequência.
- Quais os programas prediletos da TV? Dúvidas MTV, Top 20 Brasil MTV e Chuquilitos
- Você tem hora pra ir para cama? Não.
- Você tem acesso a qualquer programa de TV, mesmo escondido? Não.
- O que você acha da Xuxa e da Angélica? A Xuxa é muito exótica e a Angélica + seu
- Você tem namorado ou namorada? Não.
- Com quantos anos você deu o primeiro beijo? 11.
- Os teus pais liberam você para namorar? Sim.
- Que tipo de conversa você tem com seus pais em relação a sexualidade? Eles costumam conversar e esclarecer as suas dúvidas? Sobre menstruação. Sim.

- Que tipo de proibições existem na sua casa? Pode ficar sozinho ou sozinha com o namorado ou namorada em casa? Pode tomar banho de porta aberta? Você anda normalmente pela casa? Fala palavrão?

R: Falas palavrões pesados e deixar a porta do banheiro aberta.

Quais as suas maiores dúvidas sobre sexo?

Nenhuma, meus pais já me explicaram. Se temha uma: como se "foz".

Conte um fantasia ou um sonho que você tem.

Fantasia não temha só sonhos:  
Me casar e ter filhos e exercer  
uma boa profissão para sustentar  
minha família junto ao meu  
marido.

Oi, esse questionário é pra saber um pouquinho mais da sua vida. Como é o seu cotidiano sentimental. Seus desejos, fantasias, sonhos. Como a escola e a família trata você nessa fase importante de transição criança-adolescente-adulto.

- Quais as brincadeiras que rolam no colégio?

R = Verdade - ou - consequência, Fútilbol

- Quais as brincadeiras que rolam em casa?

R = Piadas com sacanagens

- Quais os programas prediletos da TV?

R = Intercine, Zé da quinter e etc...

- Você tem hora pra ir para cama?

Não

- Você tem acesso a qualquer programa de TV, mesmo escondido?

Não

- O que você acha da Xuxa e da Angélica?

Muito bonitas e gostosas.

- Você tem namorado ou namorada?

Não

- Com quantos anos você deu o primeiro beijo?

Com 30.

- Os seus pais liberam você para namorar?

Sim, nem ligam muito

- Que tipo de conversa você tem com seus pais em relação a sexualidade? Eles costumam conversar e esclarecer as suas dúvidas?

Sim, sobre mulheres, sobre a camisinha e etc...

- Que tipo de proibições existem na sua casa? Pode ficar sozinho ou sozinha com o namorado ou namorada em casa? Pode tomar banho de porta aberta? Você anda nu normalmente pela casa? Fala palavrão?

Nenhuma e isso ficar sozinho, isso tomar banho em porta aberta, não ando nu mas falo palavrão.

- Quais as suas maiores dúvidas sobre sexo?

Nenhuma

- Conte um fantasia ou um sonho que você tem.

Um sonho de ser jogador de Fútilbol.

QUESTIONÁRIOS DO PADRE ANCHIETA

- 1) Quais dúvidas que você tem sobre sexo?  
*várias dúvidas*
- 2) Você ~~fala~~ <sup>Sim</sup> com seus pais sobre sexo?
- 3) Se fala, quem procura para falar, você ou eles? *mãe*
- 4) Fala <sup>mãe</sup> + com sua mãe ou seu pai?
- 5) Quais outras pessoas que você fala sobre sexo? *amigos*
- 6) Você já transou? Usou camisinha?
- 7) Você usa camisinha? *não*
- 8) Você tem vergonha de falar sobre sexo? Por que? *não*  
*Porque eu acho tudo uma coisa interessante e normal*
- 9) Quais programas prediletos na TV?  
*Sine preve*
- 10) Conte uma fantasia.  
*Fazendo sexo com o meu namorado.*

- 1) Quais dúvidas que você tem sobre sexo?  
Eu não tenho nenhuma dúvida por que eu sei.
- 2) Você fala com seus pais sobre sexo?  
Eu não falo com eles sobre isso mas com amigos sim.
- 3) Se fala, quem procura para falar, você ou eles?  
Procura um responsável que fale sobre sexo.
- 4) Fala + com sua mãe ou seu pai?
- 5) Fala mais com meu pai ou não sobre isso
- 6) Quais outras pessoas que você fala sobre sexo? meus primos casado que já transaram
- 7) Você já transou? Usou camisinha?  
Eu já transou mas sem camisinha
- 8) Você usa camisinha?  
Eu não uso camisinha
- 9) Você tem vergonha de falar sobre sexo? Por que?  
Não tenho vergonha porque é um coisa normal
- 10) Quais programas prediletos na TV?  
Sexo: agora é o único que passa
- 11) Conte uma fantasia.  
Eu sonho com o corpo perfeito

- 1) Quais dúvidas que você tem sobre sexo?
- 2) Você fala com seus pais sobre sexo?
- 3) Se fala, quem procura para falar, você ou eles?
- 4) Fala + com sua mãe ou seu pai?
- 5) Quais outras pessoas que você fala sobre sexo?
- 6) Você já transou? Usou camisinha?
- 7) Você usa camisinha?
- 8) Você tem vergonha de falar sobre sexo? Por que?
- 9) Quais programas prediletos na TV?
- 10) Conte uma fantasia.

1R = Nem uma

2R = Sim

3R = Eles

4R = Com minha mãe e com meu pai, mãe, mais com o minha mãe

5R = meus primos e tios

6R = não, não

7R = Usarei

8R = Sim + ou --. Porque é uma coisa que me dá prazer

9R = Dime Brasil, depois de noite e outros programas

10R = SER o único homem do mundo ter todos os

diversos gostos



numero 1a

R = Bom eu tenho tanta dificuldade que só falando <sup>de si</sup> <sup>próprio</sup>

numero 2a

R = Negativo: por que eu tenho vergonha

numero 3a

R = Nem um dos dois - (nem eu nem pais)

numero 4a

R = Eu rizes eu falo um pouco com eles

numero 5a

R = Mas eu falo sobre sexo para minha tia.

R = não

numero 7a

R = Eu ainda sou menor de idade?

numero 8a

R = Eu tenho por que sei lá não dá para explicar

numero 9a

R = filmes de terror, suspense, Sexo.

numero 10a

R = Eu adoro ~~se~~ deixar a Juli na ~~to~~

DÚVIDAS DOS ALUNOS DO CORAÇÃO DE  
JESUS. PERGUNTAS ENVIADAS PARA A  
ORIENTADORA EDUCACIONAL DO COLÉGIO.

Com quantos anos os rapazes saltam a esponja?

Quantos meses dura a gravidez?

Como se forma a aids?

Que males que prejudica a mulher grávida?

Com quantos anos os meninos tem amenstruação?

o que dá tanto prazer de transar?

Como se trata com quantos anos que se namora?

1- Qual a diferença entre o sexo para o t  
o sexo de laimendite?

2- Como se pega AIDS

3- Quanto tempo dura uma relação sexual?

4- De viver filho muito cedo pelo mesmo?

5- Qual a idade para fazer sexo?

6- Quando você decide de ser virgem?

É importante apenas a virgindade fazer  
o que é sexo?

Como acontece a menstruação?

Qual é a menstruação?

O que é virgindade?

Todo mundo tem sexo a quem com quem?

Como acontece o sexo?

O que é sexo significa?

- que é 'reco'
- que é 'puncheta'.
- que é ~~o~~ canguuru peruano.
- que é chakka-cha

Quantas vezes o seu marido bateu puncheta?

Quantas ~~vezes~~ vezes você ~~foz~~ ja fez canguuru peruano?

Você ja bateu sibirica

Você ger de bater sibirica

\* Qual é a idade média para fazer reco?

R:

\* O que é reco?

R:

\* Porque o reco é uma causa de gorgona?

R:

\* Porque os antigos não falavam de reco?

R:

\* Como se protege a gravidez?

R:

5) O que é sex vergem?

6) Porque só alguns meninos tem penis para sex pai?

7) O que são os sexos?

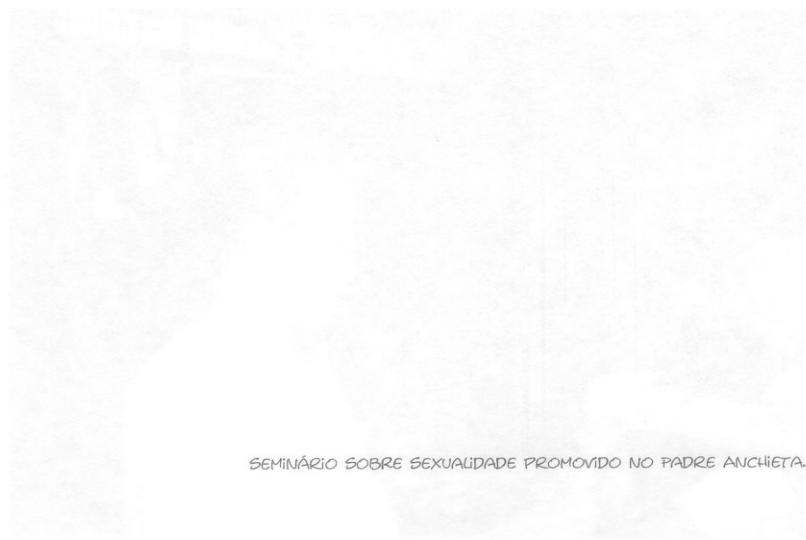
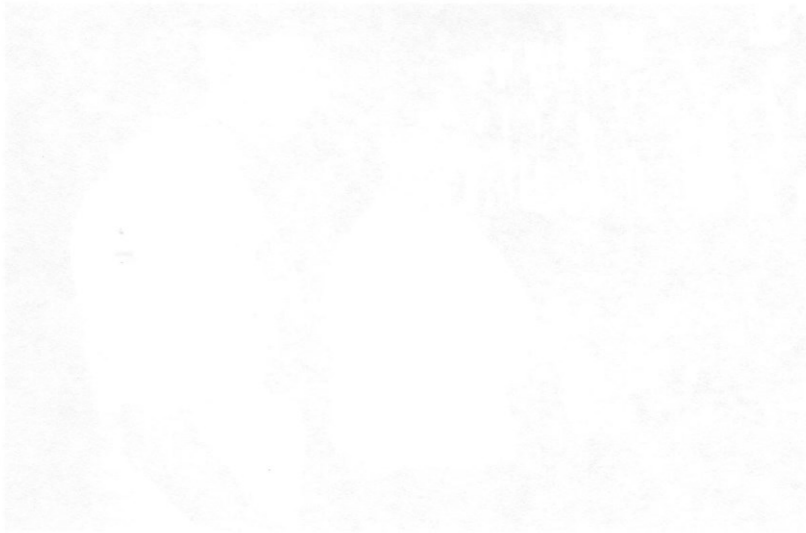
O que é sexo?

Qual a idade certa do menstroeção?

Como se surge o sexo?

Qual idade o cabelo surge?

- Como é o sexo oral?
- Minha amiga disse que no primeiro sexo que se faz sexo seguro, é verdade? Por que?
- Explique melhor a menstroeção.
- Como é a excitação?
- Com quantos anos pode ficar grávida?



SEMINÁRIO SOBRE SEXUALIDADE PROMOVIDO NO PADRE ANCHIETA.



SEMINÁRIO SOBRE SEXUALIDADE PROMOVIDO NO PADRE ANCHIETA.

## CRIANÇA NÃO ERA CRIANÇA

Até o século XII, a figura infantil é praticamente ausente do cotidiano das comunidades. Na arte, por exemplo, as crianças são retratadas como adultos, na verdade, homens de tamanho reduzido. Uma miniatura francesa do século XI mostra três crianças que São Nicolau ressuscita sem nenhuma diferença de expressão ou de traços dos adultos. Nas representações de passagens da vida de Cristo a situação se repete. Em uma pintura sobre a multiplicação dos pães é um “homenzinho” que traz o peixe para Cristo e um apóstolo.

Alguns séculos antes, na Grécia, a visão era outra. Existe uma grande intenção de idealizar a infância, apesar do tratamento reservado para as crianças escravas que, pequenas, eram comercializadas para prostituição. Mais precisamente na época helenística, é possível enxergar esse maior “cuidado” com os menores: inúmeros Eros pequenos estavam espalhados por todos os lados. A sexualidade era representada por imagens de crianças.

A infância e outros temas helenísticos vão desaparecer da iconografia. A arte românica recusou os traços naturais da criança e acabou retornando às épocas arcaicas. Essa mudança deve-se, para alguns historiadores, ao tipo de vida que se levava. A criança só tinha valor quando tornava-se um guerreiro. Assim, até uma boa parte da época medieval, a criança era representada como adulto.

A criança se torna tema da arte, no final Idade Média, quando é necessário se representar a alma. Alguns quadros mostram pessoas mortas e uma criança saindo do corpo dos moribundos. As crianças apareciam nuas, porém assexuadas. Nesse momento da



história da arte, segundo alguns autores, o sexo está completamente desvinculado da criança. Para a Igreja a única função da criança era espiritual; ela funcionava como símbolo de pureza e inocência.

Aproximadamente até o século XIV, a transição da vida infantil para vida adulta passava imperceptível. Os pequenos estavam misturados o tempo todo com os maiores. Prova dessa precocidade e da indiferença para com as transformações ocorridas com as crianças são os casamentos “arranjados” pelos pais quando os filhos ainda são bebês. Quando adolescentes, beirando os doze, treze anos, estavam enlaçados dividindo a mesma cama. As crianças só recebiam atenção na idade “engraçadinha”, como se refere o historiador Philippe Ariès, dos três ou quatro anos. As brincadeiras sexuais desenvolvidas com elas nessa época, não difere das que muitas vezes assistimos no nosso cotidiano.

Heroard, médico de Henrique IV, anotava os pequenos fatos de Luís XIII. Nessas anotações expressava sua perplexidade diante da liberdade com que se tratava as crianças. “Luís XIII ainda não tem um ano. Ele dá gargalhadas quando sua ama lhe sacode o pênis com a ponta dos dedos”. Depois que a criança alcançava os seis, sete anos de idade, era eclipsada pelos adultos e passava a fazer parte do universo deles.

No século XVII, é possível ver na arte uma transformação do espaço ocupado pela criança. Nas telas dos pintores, ela já era representada sozinha. Essa mudança é o reflexo de um despertar para a idade infantil que acontece paulatinamente há pelo menos dois séculos antes. No século XVI, um outro tipo de representação da criança vai aparecer com abundância. São os *puttos*, as criancinhas nuas. Ticiano utilizou exaustivamente esse tema em sua arte. Para muitos historiadores essa representação é uma revivescência do Eros helenístico.

Vários fatores contribuíram para que a representação da criança se transformasse. Segundo o historiador Philippe Ariès, a sua permanência nos colégios internos e uma cristianização mais profunda dos costumes vão despertar sentimentos de afetos até então não exteriorizados.

Precisamente no século XV, aconteceram grandes mudanças na disciplina tradicional das escolas, impostas por moralistas e educadores. Gerson, educador desta época, publicou algumas idéias novas sobre a criança. Ele procurou observar, mais especificamente crianças de 10 a 12 anos de idade.

Assistindo às atitudes delas ele ajudava aos padres confessores a despertarem nos pequenos sentimentos de culpa. Gerson sabia, por exemplo, que a masturbação e a ereção sem ejaculação eram práticas generalizadas; portanto, se as crianças fossem interrogadas sobre este tipo de assunto e, negassem conhecer ou praticar, acreditava Gerson que era preciso puni-las porque, sem dúvida, estavam mentindo.

A medicina também vai aumentar o controle da sexualidade das crianças. Em particular, a masturbação vai receber maior atenção. Médicos e higienistas procuravam “esclarecer” o que poderia acontecer aos indivíduos que praticassem a masturbação “emagrecem quase rapidamente, os olhos tornam-se turvos, cercados por uma fita lívida, tristes, as pálpebras ingurgitadas, vermelhas, pesadas, sobretudo as superiores, coladas ao despertar, olhar fixo e atoleimado, dirigido para o chão, fisionomia triste e taciturna, estado de languidez, aumento do apetite, andar cambaleante, falta de coordenação nos movimentos, fraqueza muscular na região lombar, tremor nos membros, suores noturnos, urina turva e sedimentosa, calafrios quase contínuos, voz rouca, palidez...”

A tentativa do educador em observar melhor as crianças e os novos cuidados que médicos reservavam para os pequenos nos leva, invariavelmente, ao encontro das idéias do historiador francês Michel Foucault, que acreditava que alguns sistemas das sociedades ocidentais vão tomar conhecimento dos discursos, sobretudo os que envolvem a sexualidade, para poder melhor controlá-los, vigiar e punir.

Para Gerson, a criança não era originariamente consciente de sua culpa, era preciso, então, preservá-la do risco do pecado. A melhor forma de fazer isso era invadir o seu universo e o que era pior, fazer-se presente no imaginário, passar a sensação que espreitava-se sonhos e fantasias. No seu primeiro livro sobre a História da sexualidade, Michel Foucault cita esta estratégia utilizada principalmente pela Igreja:

“Pois a Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência - em detrimento, talvez, de alguns outros pecados - a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual”.

No século XVII novos códigos de comportamentos vão percorrer a corte. O século vai ficar conhecido como o a Idade da Repressão. Antes disso ainda existia uma certa permissividade sobre as “coisas indecentes e proibidas”. Com estes novos hábitos e costumes, o

sentimento de pudor vai se fixar de forma ainda mais forte na sociedade ocidental.

O cotidiano da criança, por sua vez, já vinha se modificando. Em 1530, Erasmo de Rotterdam lança *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças). Imediatamente buscaram-se meios para controlar e distinguir os pequenos. A separação dos meninos e das meninas é imprimida com imenso rigor. Séculos antes, esta divisão não era tão enfática. Na época do Império Romano, por exemplo, homens, mulheres e crianças dividiam completamente nus, as famosas termas. Além de separar meninos e meninas, um novo tipo de tratamento para cada um vai surgir. O historiador Philippe Ariès, em "História Social da Família e da Criança", registra essa ocorrência e sustenta:

"O sentimento de infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiram por mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos: seremos levados a pensar mais de uma vez esse atraso das mulheres em adotar formas visíveis da civilização moderna, essencialmente masculina"

### SÉCULO XIX - UMA REDEFINIÇÃO DOS PAPÉIS

A era vitoriana ajudou para que os costumes se tornassem ainda mais rígidos e pudicos. Mesmo em uma época em que as pessoas não concordavam em serem governadas pela monarquia, a Rainha Vitória se manteve no poder durante 63 anos (1837 a 1901). A mulher

tem, nessa época, o papel de construir a noção de civilidade através de sua função de educadora das crianças. Chega ao fim o típico casamento aristocrata que escondia em sua pompa interesses econômicos e políticos.

Esse casamento carregava uma série de hábitos completamente diferentes daqueles que conhecemos hoje. Homem e mulher se casavam mas conviviam em grandes palácios com centenas de pessoas. O filme *Rainha Margot*, de Patrice Chèreau, mostra bem o tipo de aliança que se constituía em uma época anterior, no século XVI. As relações extraconjugais, tanto de homens como de mulheres, eram inúmeras e a diferença daquele tempo para a vida atual é a existência de uma certa e consistente permissão para estas atitudes. As crianças, por sua vez, eram educadas pelas chamadas “aias”. Portanto, a idéia de uma família nuclear e privada não existia antes da classe burguesa tomar, de vez, conta do espaço.

A família burguesa é constituída com base no afeto. O casamento é monogâmico e heterossexual. Existe assim, uma garantia de que a moral está segura. Michelle Perrot, historiadora francesa, fala sobre o poder da instituição:

“A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhe um sem-número de funções. Elemento essencial da produção, ela assegura o funcionamento econômico e a transmissão de patrimônios. Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. Garantia da espécie, ela zela por sua pureza e saúde. Cadinho da consciência nacional, ela transmite os

valores simbólicos e a memória fundadora. É a criadora da cidadania e da civilidade”

Com a redução da natalidade e as alterações dos corpos a família vai ter a função de reproduzir uma raça fecunda e sadia. O casamento aparece como a melhor alternativa para um regime sexual. Em uma época de plena industrialização é preciso manter o operário saudável e disposto. Acredita-se que isso só pode ser alcançado com o controle da vida sexual. “Sexo em excesso despende muita energia”. Médicos e padres acreditam que, além de regular as energias, o casamento com base no afeto vai evitar as relações extra conjugais, as escapadas aos bordéis, que são uma ameaça a uma raça saudável.

A Igreja, que antes se preocupava com todas as atitudes e pensamentos de seus fiéis, agora, não vai mais permitir que os confessores façam qualquer tipo de pergunta íntima para as mulheres casadas. O sexo é sacramentado porque é a promessa do bom nascimento.

Nesse momento, a mulher é pressionada a voltar-se exclusivamente para casa. Essa transformação vai acontecer com eficácia na classe média. As mulheres das classes populares continuam a trabalhar. Mas deve constar que o trabalho exercido só pode ser um “prolongamento de seu papel feminino natural”: cozinhar, limpar a casa, cuidar de criança, costurar. Mesmo com esse “ideal” imposto pela classe burguesa, essas mulheres ainda vão se fazer presentes nas profissões “masculinas”: na indústria e no campo.

Antes dessas modificações ocorrerem, o papel desenvolvido pela mulher na vida pública era diferente. Aristocratas e burguesas fundavam associações de artes e letras e promoviam reuniões filosóficas com a presença de renomadas personalidades. Elas estavam

completamente inseridas na vida intelectual. Sua representação era muito forte. O Iluminismo é um bom exemplo dessa realidade. Movimento intelectual, do século XVIII, que glorifica a razão, ele nasce também nessas reuniões organizadas pelas mulheres.

Com as novas regras muito se modifica, mas é certo que não podemos ser ingênuos e acreditar que, com os esses novos hábitos, estavam elas, totalmente abafadas pelo domínio masculino. Ao mesmo tempo que uma grande repressão surge, muitas mobilizações começam a ocorrer. As mulheres trabalhadoras lutam por seus direitos. O dia 8 de março de 1857 ficou na História quando mais de cem operárias vão marchar pela cidade de Nova Iorque protestando contra os baixos salários. A luta pelo sufrágio também começa neste século.

Alguns historiadores falam do poder feminino no século XIX. Jules Michelet escreve: "As Mulheres! Que Potência!" Mas do outro lado, Engels cita "a derrota histórica do sexo feminino". Acreditava o revolucionário alemão que o casamento burguês era a chave da opressão das mulheres. Os diversos poderes femininos são inegáveis mas, nessa época, são exercidos quase que exclusivamente na obscuridade do privado.

É também neste momento que o pudor e a vergonha estão mais do que nunca impregnados nos costumes e nos comportamentos. O medo de exprimir através de gestos ou palavras o próprio corpo e a sua natureza é constante. Manuais de postura, fisiologia e higiene proliferam para delimitar ainda mais as emoções. As moças vão receber uma "atenção" especial dos moralistas.

Graças a esses pudores em revelar o próprio corpo, numerosas doenças vão surgir. O receio das mulheres em soltar gases em público vai provocar uma constipação chamada de "doença verde". Ereutofobia vai aparecer como um pavor de não poder impedir o rubor

nas faces. O “mal branco” surge como um tipo de ansiedade e uma recusa em sair de casa com medo de ser espiada por desconhecidos.

A criança vai ser o produto de todas as mudanças. As altas taxas de mortalidade dos séculos anteriores começam a cair. A mãe agora está em casa e é totalmente responsável pelos cuidados e pela educação. Mesmo a mulher das classes populares que trabalha carrega a responsabilidade pela educação da criança. O pai sai de casa para trabalhar e deve ser respeitado mais do que qualquer membro da família porque ele transita por onde está o poder. As diferenças dos papéis sexuais estão mais do que nunca afirmadas, reformuladas e colocadas em prática a todo momento,

### *TRANSFORMAÇÕES À VISTA*

Praticamente, até a segunda metade do século XX, nenhuma mudança de grande significado aconteceu para mudar os costumes puritanos e consequentemente sentimentos de pudor. Algumas pequenas rupturas começam a ocorrer na Idade Contemporânea. Na década de 20, devido à primeira guerra mundial, as mulheres de classe média vão voltar de forma intensa ao mercado de trabalho.

O corte de cabelo na altura da orelha, as calças compridas são alguns símbolos de que algo novo estava pairando no ar. Antes disso, precisamente, até o último terço do século XIX, diferente dos homens, as mulheres não tinham à sua disposição roupas prontas. Com a sua permanência em casa, elas próprias produziam o seu vestuário, enquanto os homens contavam com uma alfaiataria impecável. A invasão no vestuário masculino pelas mulheres revela claramente a



intenção de tomar conta do poder público. Na década de 30, em quase todo o mundo, inclusive no Brasil, a mulher já tinha direito ao voto. Da forma mais explícita, a mulher tenta gozar dos privilégios do universo masculino que é o universo que controla o mundo e dita as regras morais e sociais. A sua inédita atuação no poder público, governo e Estado e, a nova "postura simbólica" já é um aviso do que estaria por vir.

Como movimento de impacto nas sociedades ocidentais, é a revolução sexual da década de 60 que vem tentar varrer preconceitos e oferecer novas propostas aos costumes. De mãos dadas com a chamada contracultura que pede uma nova posição diante de temas polêmicos: racismo, política, religião; a revolução sexual imprime uma mudança na cultura do povo. A transformação vai atingir especialmente o indivíduo, mais que o grupo. É um movimento que consegue abalar a intimidade e os valores pessoais.

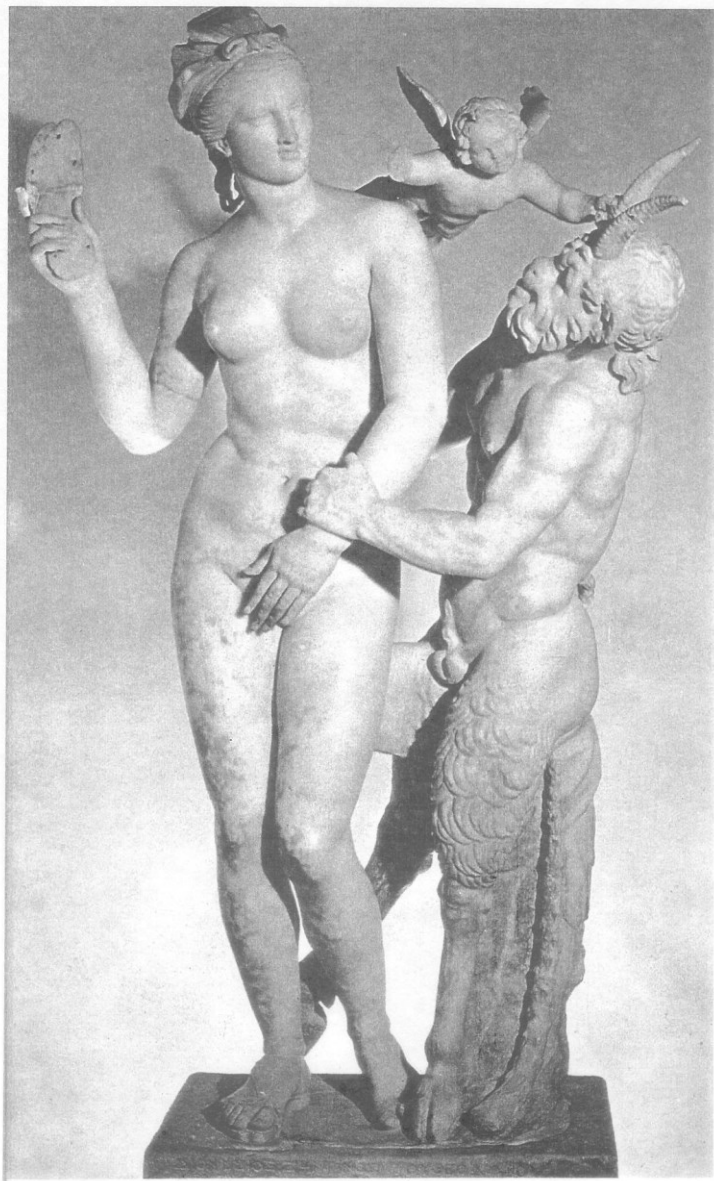
Os grandes concertos de rock já exibem uma "nova comunidade". Em Woodstock, as pessoas dançam nuas. *Paz e Amor* ou *É Proibido Proibir* tornam-se palavras de ordem. Drogas e pílula. A busca ao prazer de todas as formas é frenética e compulsiva. Principalmente os jovens e aqueles que se juntaram a eles, não admitiam nenhum tipo de dominação. A tentativa de enterrar os controles exercidos pelo governo, pela família e outras instituições era exaustiva. Os grupos políticos formados pelas minorias étnicas e culturais, negros e gays, por exemplo, tiveram valor inestimável neste momento histórico. O movimento feminista ressurgiu definitivamente para impor novos fundamentos nas mudanças das relações sociais. As teorias feministas proliferaram por todos os cantos e, além de reivindicar direitos vão questionar as origens das desigualdades

Nos Estados Unidos e alguns países da Europa, onde estas mudanças ocorreram de maneira avassaladora, estes grupos que há

tempos lutavam por mudanças na mentalidade, vão se transformar, para os jovens da classe média, em símbolos da recusa da tradição cultural. As crianças dos anos 70 são o produto desta nova forma de encarar a realidade, as instituições, os dogmas, os mitos, os papéis sexuais.

As mulheres desempenharam uma posição decisiva para uma reconstrução dos hábitos seculares. Dividir direitos tanto no público como no privado, ainda hoje, não é tarefa fácil. Com o controle mais eficaz sobre o corpo, graças à pílula anticoncepcional, a mulher se tornou, sem retorno, governadora da própria vida. O sabor de encontrar novas opções para o seu cotidiano, transformou ou pelo menos abalou a estrutura familiar. As crianças das últimas duas décadas assistem a uma simetria maior entre os gêneros. Mesmo com alguns "poréns", o discurso que predomina hoje é de uma busca da total igualdade.

ANEXOS II



O EROS HELENÍSTICO.

Grupo estatutuário de Afrodite com Pã. 100 °C



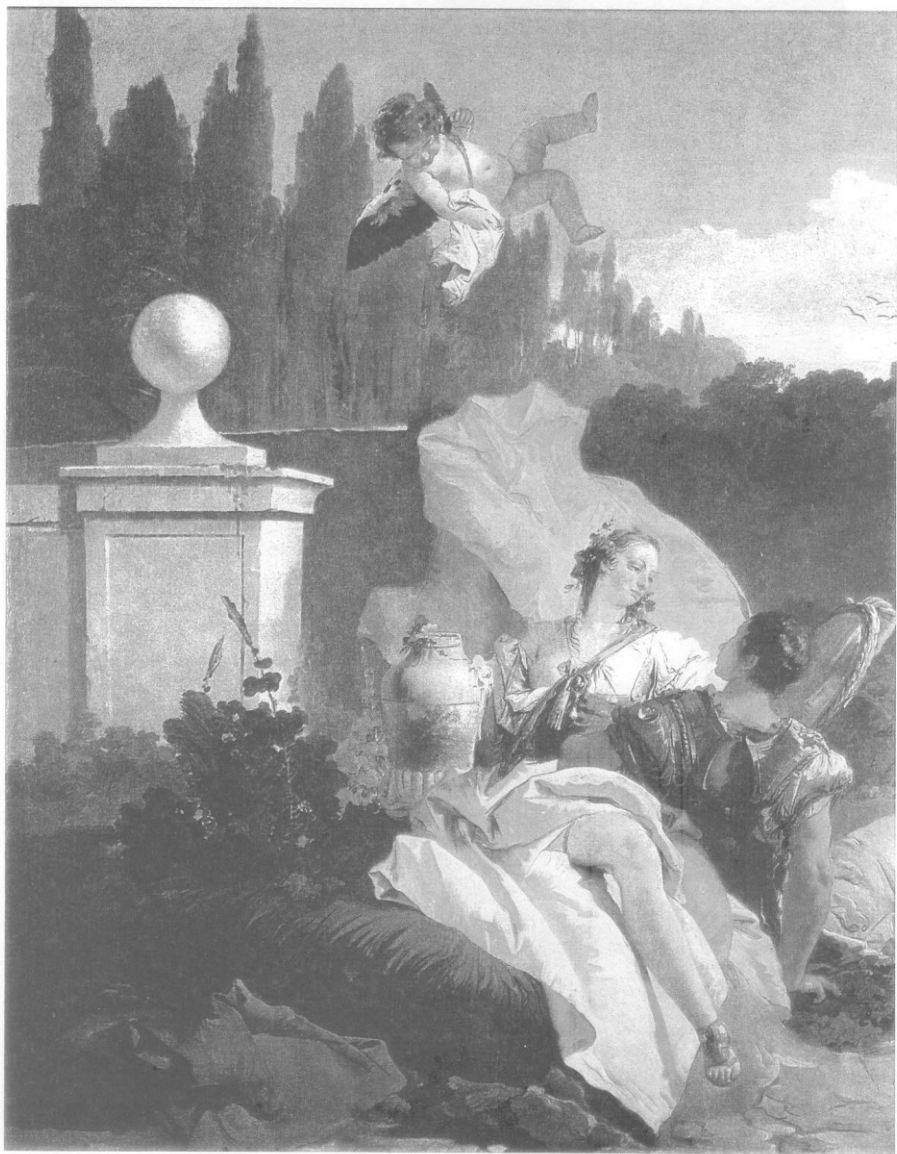
IDADE MÉDIA: A CRIANÇA REPRESENTADA COMO ADULTO

Arte Islâmica



CORPO DE CRIANÇA, ROSTO DE ADULTO

Jan Steen, *A Alegre Companhia* (detalhe)



A CRIANÇA RETORNA À ARTE

Giambattista Tiepolo, *Rinaldo e Armida*



CUPIDO.

Cranach, *Venus e Cupido*





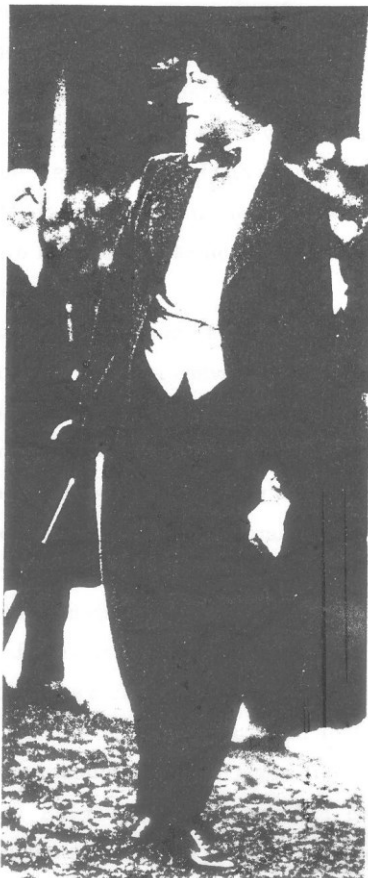
*casamento aristocrata: interesses políticos e econômicos*

William Hogarth, *O casamento à moda: o contrato*



A FAMÍLIA BURGUESA: MONOGÂMICA E HETEROSSEXUAL

Jacob Jordaens, *A Família do Pintor*



A MULHER INVADE O VESTUÁRIO MASCULINO E DISPUTA O PODER PÚBLICO

Fotografia francesa, Longchamps, 1914

## AZUL, ROSA E SUAS NUANCES

Apesar dos discursos, as diferenças de tratamento e comportamento entre meninos e meninas, como a diferença entre homens e mulheres, não desapareceram. Luciana, estudante, 21 anos, lembra de quando tinha 12 anos e o pai a proibiu de tomar banho de porta aberta e de bater papo, no banheiro, com seu único irmão, Ricardo, três anos mais velho. “A gente esperava ele sair de casa para fazer exatamente o que a gente sempre fazia. Enquanto um tomava banho, o outro ficava sentado no vaso. O papo rolava solto.” O pai de Luciana também proibiu o filho de entrar no quarto dos pais quando sua mãe estivesse trocando de roupa.

Quando Ana, 24 anos, menstruou pela primeira vez, sua tia disse que gostaria de ter uma conversa séria com ela. A conversa se transformou em conselho: “Agora que você já é “mocinha” não pode ficar andando com os meninos por aí.” Ana não entendeu bem porque especialmente a partir daquele momento não poderia mais brincar com os meninos como sempre fez. Além dos conselhos da tia, ouvia os amigos de seu pai dizer: “Amarra a tua cabrita porque o meu bode tá solto”.

A menstruação é um anúncio forte da plena capacidade de reproduzir. O disfarce dos pais perante as mudanças que acompanham seus filhos, no caso das meninas, é ainda mais difícil de ser mantido e, decididamente, não existe, nesse caso, uma tentativa de ignorar que alguma coisa está mudando. O órgão reprodutor feminino anuncia que está pronto para funcionar, o que significa como objetivo final a gravidez. Normalmente a primeira perda de sangue e células da mulher ocorre entre os 10 e 16 anos de idade.

Cole, a rechonchuda aluna do Padre Anchieta menstruou pela primeira vez com dez anos. A mãe nunca tinha conversado sobre o assunto mas aconselhou no dia: "Cole, agora você não pode ficar saindo por aí". Bárbara também ouviu praticamente o mesmo conselho da mãe. Ângela, que ainda não menstruou ouve o pai "aconselhar" os irmãos mais velhos: "Vocês querem engravidar as meninas por aí, o problema é de vocês. Depois são vocês que vão "ralar".

Para a ginecologista e sexóloga Maria Inês Gasperini, historicamente, por trás da atitude de "prender" ainda mais a menina em casa, depois que menstrua, está uma preocupação muito prática: a econômica. *Quem vai sustentar no caso de uma gravidez?* "Antigamente, os casamentos aconteciam entre crianças de 12, 13 anos. Existia um interesse econômico ou político por trás das uniões", argumenta Inês.

A forma como alguns pais e mães tratam a menstruação da filha pode em alguns casos despertar nas meninas a mudança como um "presente de grego", um fardo. "A reação mais comum das mães é de pena. "Tadinha, tão novinha...Agora vai ter cólicas terríveis porque na minha família todas as mulheres sofrem...", conta a sexóloga. Para Inês, esse tipo de atitude para com as meninas acaba, inevitavelmente, desvalorizando sua auto-representação.

Enquanto as meninas se tornam "mocinhas", os meninos permanecem mais tempo entre a "criancice" e a fase adulta. Apesar das mudanças biológicas (pêlos, tamanho do pênis, tom de voz) e psicológicas, também estarem acontecendo com eles, a família, a escola, os meios de comunicação, na maioria das vezes, tratam de forma diferente essa transição. É a fase das descobertas para os dois, mas quem recebe, na maioria das vezes, tanto no espaço privado como no público, um incentivo explícito de sua sexualidade, são os garotos. Não que a fala dirigida para as meninas também não se modifique, mas ela

se dá de forma diferente. É comum uma mãe pagar a assinatura de revista de "homem pelado" para sua filha de onze anos?

### PROGRAMADOS PARA FALAR O QUE SE DEVE

Os estímulos dados a cada um são diferentes. Revistas e vídeos eróticos, mulheres-musas que exploram a sensualidade e o erotismo exaustivamente, como a dançarina do grupo musical *É o Tchan!*, Carla Perez; a atitude, em alguns casos, de pais e mães que instigam uma postura de homem-garanhão são pequenos exemplos de como os garotos são recebidos nessa nova fase. "Meu pai não deixa eu falar sobre essas coisas em casa. Ele só fala: "Olha que mulher gostosa", conta Bruno.

"Minha mãe conversa tudo comigo", assegura Rose.

Tanto menino quanto menina recebem novas informações e, finalmente mesmo que elas tenham sido divididas para cada um, eles acabam tomando conhecimento de todas. As meninas espiam a *Playboy* e os meninos, a *Capricho*. A primeira revista explora o imaginário sexual utilizando inúmeras fotos de mulheres nuas ou apresentando contos eróticos. A segunda apresenta um discurso sexual/afetivo, oferece dicas do tipo: *Como saber se você já está preparada para transar? Por que eles não telefonam no dia seguinte?* O que se assiste é uma delimitação de comportamento. As regras de como agir e o que falar. O que é permitido para os meninos e para as meninas.

Aos garotos é consentido uma fala pública e específica. A forma como se referem às meninas e as mulheres em geral é legitimada pela sociedade.

No caso das garotas, a princípio, é diferente. A princípio porque é o que se espera. Supõe-se que mesmo que elas possuam “personagens” em suas fantasias, a forma como vão se referir a eles, na maioria das vezes, deve distinguir-se dos meninos.

“Os meninos ficam falando que a gente é gostosa, tesuda. Se uma menina passa eles já vão falar da bunda da guria. A gente não”, explica Maria Eduarda.

“Eu sim. Eu falo da bunda deles. Se um guri passa eu comento que ele é gostoso” desmonta Márcia.

“Isso aqui é assunto pessoal”, comunicou Felipe quando questionado sobre a sua fantasia. O mais irrequieto da turma do Aplicação, por fim, só escreveu a sua fantasia em código: “Que a X ^ • v j me ame para sempre, de verdade”.

Quando Felipe fala em “assunto pessoal” deixa claro que não é algo que ele queira expor, falar. O discurso romântico e amoroso não é o esperado e os garotos sabem disso. Acabam agindo como é exatamente delimitado. Márcia, por sua vez, faz a ruptura e coloca a possibilidade de por que não? Os dois lados exercerem os dois discursos a seu bel-prazer.

Segundo Juracy Siqueira, professora da UFSC, doutora em psicologia e idealizadora do Projeto Pintando o Sete, (trabalho desenvolvido na Escola Pública Edite Gama Ramos que tem como objetivo resgatar o lúdico na educação) a grande diferença entre os dois é que as meninas “romantizam mais”. “Fomos educadas para sermos comportadas. Sempre no espaço privado. Os jogos e brinquedos que são produzidos para nós revela isso: bonecas, miniaturas de liquidificador, fogão, geladeira. Dos meninos é cobrado uma atitude de força: “homem não pode chorar” Demonstrar emoções, nem pensar. Num primeiro momento não procuramos enfatizar a questão de gênero no projeto, mas

logo no início descobrimos que seria impossível. Quando perguntamos do que eles gostariam de brincar a diferença apareceu: os meninos queriam brincar de futebol, bate-manteiga, as meninas de mímica, pintura, esconde-esconde. A opção dos meninos foi por brincadeiras mais agitadas, na rua. As meninas escolheram brincadeiras “mais quietas” que utilizavam um espaço físico mais reduzido”, conta a psicóloga.

Para os pesquisadores Tucker & Money, meninos e meninas, dos 6 aos 10/11 anos tendem a preferir a companhia de amigos do mesmo sexo para brincar. É uma forma de exercitar o papel de homem e mulher:

“As crianças necessitam testar os seus esquemas de mesmo sexo e o seu desempenho enquanto meninos e meninas antes de assumirem a reciprocidade com o outro sexo na adolescência”

Durante o projeto Pintando o Sete um fato curioso chamou a atenção de Juracy. Na frente do Edite Gama Ramos, uma enorme árvore serve de QG para os meninos. Uma das bolsistas do projeto decidiu, um dia, despretensiosamente, subir na árvore. Resultado: as meninas rapidamente acompanharam a bolsista e os meninos ficaram furiosos: “Aqui menina não pode”. As garotas, sem dar ouvidos às reclamações, tomaram conta do espaço. Os meninos, por sua vez, trataram de inventar outra distração: brincar de balanço com o cipó da árvore. Depois das primeiras brigas, a árvore é dividida por todos que compartilham das mesmas brincadeiras.

Se por um lado os estímulos e as linguagens utilizadas para eles são diferentes, por outro lado, principalmente nas classes alta e média, procura-se diminuir as diferenças dos papéis. Segundo Juracy



essa nova atitude se deve muito mais a “uma moda do politicamente correto” do que a uma transformação de valor.

Graziela, Anabela, Luiza, Débora, Maria Eduarda, Márcia e Caroline não precisam arrumar o quarto dos irmãos ou lavar a louça sozinhas, como Fernanda, de 22 anos, ainda faz. Na casa das pequenas as tarefas são divididas. As maiores reclamações das meninas não está dentro de casa, mas fora dela.

“O meu irmão menor pode ficar andando de bicicleta na rua até tarde, eu não”

“Só posso ficar na festa até mais tarde se meu irmão for junto”

As regras dissimuladas do que um menino pode e do que uma menina não pode fazer e falar não abandonaram o cotidiano. Na quinta série B do Aplicação, Caroline carregou por um bom tempo o apelido de “galinha”. Na roda fechada dos meninos eles dizem que ela é galinha porque já “ficou” com um monte de meninos. Mas, no “grupinho” das meninas a história é outra. Felipe, dono de enormes olhos verdes e cara de bebê era e é apaixonado pela morena, olhos de mel, a Luiza. Quando os dois “ficaram” pela primeira vez, também “ficaram” André e Caroline. Em uma segunda ocasião, Felipe disse para Luiza que só iria beijá-la se Caroline também ficasse, novamente, com seu amigo André. Caroline não topou e comprou briga com a sala inteira devido a grande influência que Luiza, André e Felipe têm sobre a turma. A situação ficou ainda pior depois que Caroline ficou “a fim” de um menino da sexta série. Os colegas a chamavam de “vaca”, “galinha”, “sabonete”.

Se o assunto é “ficar” os papéis desempenhados por eles já estão definidos. Mariana, Luiza, Caroline e Déborah. Do pequeno grupo, apenas Luiza e Caroline já beijaram na boca, “de língua”. Mariana e Déborah ficam um pouco sem jeito ao confessar que ainda

não beijaram. Especialmente Déborah que, como Caroline, aparenta ter catorze anos, faz um ar de preocupação. Quando o grupo fala que Luiza já ficou inúmeras vezes com Felipe, ela não admite. A ordem é: já ter beijado, mas não muitas vezes porque o risco de ser chamada de “galinha” é iminente e nenhuma delas quer passar pelo o que Caroline passou.

No caso dos meninos do Aplicação a situação é inversa. Felipe, Mário, Leandro, Allen, Fábio e André se apressam em dizer que já beijaram. Na hora do papo todos caçoam de Leandro, principalmente André: “Ô Leandro, não mente, tu só beijou travesseiro!” Quando Felipe conta com quantas já ficou, André também duvida e o bate-boca está instalado.

Henrique, do Coração de Jesus, também é questionado pelos amigos quando diz que já ficou. Primeiro eles perguntam quem. Henrique fala fazendo gesto com a mão para trás: “Com uma menina lá no meu prédio”. Não satisfeito, Bruno faz uma pergunta para ver se ele realmente já beijou de língua: “Quem coloca a língua primeiro, o homem ou a mulher?” O mais quieto da turma fica um tempo pensando e diz quase adivinhando: “O homem...” Bruno e Luiz falam quase ao mesmo tempo: “Não, é a mulher”. Os dois festejam a inexperiência do amigo que acaba confessando que só deu “selinho”.

A preocupação em mostrar que já possuem alguma experiência é grande e, dentro do grupo, aqueles que aparentam ser mais velhos como André e Allen duvidam das histórias contadas pelos “menores”. Os mais velhos” conversam monossilabicamente, parecem não se sentir à vontade com as perguntas mais íntimas: *Com quantos anos vocês começaram a bater punheta?* Neste momento é possível notar uma grande distinção de comportamento. O grupo dos seis divide-se exatamente pela metade: Allen, André e Fábio são os mais calados mas,

entre eles, os cochichos e risadinhas são intermináveis. Felipe, Mário e Leandro conversam com muito entusiasmo e respondem a todas as perguntas descontraidamente. Felipe, que na sala é o mais inquieto e exibido, surpreende sendo o que conversa de forma natural.

No caso de Francisco e Luiz César do Padre Anchieta a primeira reação foi diferente dos garotos do Aplicação. Com as faces pegando fogo as primeiras respostas são quase todas negativas. *Namoradas? "Rolos"?* Quanto mais íntimas as perguntas ficavam, menos eles respondiam; o que mostra uma identificação com as atitudes de André e Allen do Aplicação. Para Inês a conclusão é simples: "Quanto mais velhos eles vão ficando, menos eles vão falar sobre o assunto. Isso porque agora eles ou estão muito próximos de fazer, ou já fizeram".

A orientadora educacional Maria Luiza, do Aplicação, sustenta a afirmação da sexóloga: "A pressão do grupo é um das principais razões para o silêncio. *Se eu disser que já fiz ou ainda não fiz como os meus colegas vão reagir?*". Maria Helena, também do Aplicação acha que é relativo. "Tem uma turma do primeiro ano do segundo grau que os meninos falam muito. Há turmas em que são os meninos que falam e outras nas quais quem fala são as meninas. Depende da personalidade de cada um. Também depende dos líderes de turma. Eu dei uma aula sobre menstruação em uma classe que uma menina falou abertamente que foi ao ginecologista e ele ensinou como ela deveria usar absorvente interno. Ela falou no meio da aula e ninguém tirou sarro. Mas ela é como se fosse líder, é uma aluna popular, ninguém ia ter coragem de falar alguma coisa".

Outra preocupação das crianças, à medida que vão crescendo, segundo Maria Luiza, é a reação dos pais. "A repórter de uma TV da capital teve uma dificuldade muito maior em entrevistar a garotada com mais de treze anos. Eles não querem mais falar sobre as

suas experiências porque elas começam a se tornar mais sérias. A angústia dos pais também crescem” No consultório de Maria Inês as meninas entram acompanhadas das mães nas primeiras consultas. “Quando elas começam com namoros ou rolos mais sérios, a mãe fica na sala de espera”.

Na roda das meninas do Aplicação as reações de pudor também se dividem como na dos garotos: Luiza é a mais empolgada. Déborah, num primeiro momento também se mostra desinibida, mas os olhares de Mariana a intimidam e a menina se cala. Dúvidas sobre sexo? Luiza, pergunta: *Se houver penetração a mulher já engravida, mesmo se o cara não gozar?* Graziela, Maria Eduarda, Márcia e Anabela compartilham da mesma opinião: “Não é que a gente tenha dúvida, mas deve existir coisa que a gente nem sabe que existe, é isso que a gente gostaria de saber”, explica Graziela.

A diferença de atitudes em cada grupo é fácil de ser visualizada, mas os detalhes no comportamento de cada criança levam a um olhar mais cuidadoso sobre elas. Quando tentam esclarecer suas dúvidas, as meninas se mostram mais informadas. São dúvidas mais aprofundadas, as questões colocadas, mais pontuais. As perguntas parecem ter um objetivo velado: Até onde se pode avançar em uma relação? Os garotos, por sua vez, não procuram dissipar alguma curiosidade. No Aplicação, os três mais calados, André, Allen e Fábio, agem com ar de superioridade como se soubessem tudo. Felipe, Mário e Leandro acreditam que sabem o que interessa, o que falta é colocar em prática. Para isso acontecer existe uma idade ideal para os três: 15, 16 anos. Allen discorda imediatamente: *Eu não. Se eu puder eu transo hoje mesmo!* André e Fábio concordam com o colega.

Bruno e Luiz, do Coração de Jesus, também pensam em transar mais cedo: Doze anos. “Com doze anos a gente goza tudo. Não

vejo a hora de ter doze anos para poder transar”, diz Bruno. Os comentários dos meninos revelam uma noção da sexualidade diretamente ligada com o corpo e suas transformações. O sexo vai se tornar presente com mais intensidade a partir de uma modificação completa. “Gozar tudo”, para eles, é o sinal esperado para a possibilidade de uma relação sexual completa. Como nas meninas a menstruação é o símbolo de um corpo pronto para o ato sexual, para alguns meninos, a quantidade de sêmen é o sinal. Os líquidos corporais têm uma função preponderante no imaginário.

Lucas fixa a idade ideal para transar em 16 anos e Henrique, 20. “Eu acho melhor 20 porque daí a gente já tem a vida mais arrumada. Quando tiver o filho vai poder sustentar”. Diferente dos amigos, que colocam o sexo como fonte de prazer, Henrique liga o sexo à idéia de procriação.

Anabela, a mais quieta da turma das meninas também é da mesma opinião de Henrique “Eu acho melhor transar quando já tiver uma profissão e aí poder sustentar o filho”. As outras três, do Coração, como Bárbara, do Padre Anchieta, fixam a idade ideal na mesma de Lucas: 16 anos. Cláudia pensa “lá pelos 18 e olhe lá”. Ângela também acha boa a idade mas não com a mesma convicção da amiga. Por último, Luiz César e Francisco, do Padre Anchieta, não mencionaram nenhuma idade ideal, apenas riram.

Os discursos e as opiniões de meninos e meninas sofreram algumas transformações de alguns anos para cá. O tema virgindade é um bom exemplo. No grupo de Felipe, do Aplicação, nenhum dos seis quer casar com uma mulher virgem. “Eu quero que ela seja experiente tanto quanto eu” explica Mário. As meninas também compartilham da mesma opinião.

Enquanto o velho tabu da virgindade parece ir mudando de cara, fantasias e desejos masculinos antigos ainda permanecem vivos povoando a mente de alguns “pequenos”.

Felipe, Mário, Leandro, Allen, André e Fábio, do Aplicação, confessam que tem vontade de transar com uma prostituta. Fábio conta que ouviu falar que um amigo “de não sei quem” pagou 1.500 reais para uma prostituta transar com ele um mês inteiro. Quando Fábio conta a história todos fazem comentários do tipo “Porra, que massa!” “Imagina, transando todo dia!” A unanimidade inversa é encontrada do outro lado: “Eu não, elas transam com todo mundo” “Todo mundo “mete” “A gente ainda corre o risco de pegar Aids”. As frases são de Silvio, Jair, Vinícius e Tomás do Padre Anchieta.

A preocupação com a doença é muito maior no discurso dos meninos do colégio estadual. Não que os meninos e meninas dos outros colégios não tivessem demonstrado uma certa preocupação mas, no caso de Silvio, Jair, Vinícius e Tomás a doença retorna o tempo todo para conversa. A inquietação dos meninos mostra com propriedade a situação atual das crianças em relação à sua sexualidade. A Aids está incorporada no discurso e acaba delimitando novas regras. Os números de aumento de casos da doença em crianças e adolescentes preocupam. Se na década de 80 os números já eram assustadores (36 milhões de crianças em situação social precária corriam o risco de adquirir a doença), na virada do século XXI, a delicada situação toma conta de todas as classes: são 3.634 menores de 13 anos com HIV positivo registrados pelo governo. Na faixa dos 14 aos 19 anos os números ultrapassam a casa dos dois mil.

O filme *Kids*, do diretor Larry Clark, produzido em 1995, mostra uma realidade aterradora. O protagonista do filme, um garoto de 13 anos está contaminado pela doença e acaba infectando, sem saber,

meninas de 11, 12 e 14 anos. O roteiro do filme foi escrito por um rapaz de 21 anos de um bairro pobre dos Estados Unidos. A inspiração, segundo o roteirista, veio da convivência com os amigos e das experiências precoces pelas ruas. Para impressionar ainda mais o diretor optou por uma narrativa tipo documentário: a realidade se mistura com a ficção e abala com eficiência os espectadores.

As experiências precoces acontecem e o mundo tenta de uma forma ou de outra estancar o aumento do número de casos. Os franceses entraram em uma enorme polêmica sobre a distribuição gratuita de camisinhas nas escolas. Os colégios deveriam receber máquinas distribuidoras de camisinhas. A discussão foi grande. De um lado, os defensores dos distribuidores argumentando que como as relações sexuais estavam acontecendo cada vez mais cedo, os adolescentes deveriam se prevenir contra a Aids, de outro lado, diretores de colégios e políticos conservadores contra a idéia, dizendo que as máquinas só estimulariam os adolescentes a pensar em sexo.

Nos Estados Unidos foi lançada, este ano, uma campanha curiosa e conservadora. *Bottoms*, adesivos e camisetas receberam a frase *Espere um pouco*. A campanha visava promover uma "conscientização" dos *teens* para que estes não transassem tão cedo.

### A ESCOLA E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Exclusivamente freqüentado por meninas até a década de 1970, o Coração de Jesus já conta com garotos em todas as turmas e com quase o mesmo número de meninos e meninas. Mesmo com esse equilíbrio e com as evoluções dos papéis sexuais, as diferenças dentro do

colégio, até o ano passado, poderiam ser observadas em algumas disciplinas e procedimentos pedagógicos.

Nesse ano, a Orientação Educacional resolveu colocar em prática o que já vinha trabalhando na teoria com os alunos, através de livros e textos discutidos em sala de aula, que trazem histórias sobre as representações de gêneros. A prática foi redefinir a participação de meninos e meninas nas aulas de artes.

Antes, nas aulas, entalhar, trabalhar com marcenaria era a tarefa dos meninos. Às meninas, cabia criar lindos bordados para tapetes. Com a nova proposta as crianças passaram a compartilhar as mesmas tarefas. Menina entalha e borda. Menino borda e entalha. A orientadora conta que apenas um menino foi proibido pelo pai de bordar. “Uma mãe veio até o colégio preocupada e me disse: Mas, Dilma, e se o meu filho gostar de bordar? Eu disse para ela: O que você está querendo dizer com isso? Que se ele gostar de bordar, ele vai se transformar em homossexual? Uma coisa não tem nada haver com a outra. A mãe concordou e foi embora“. A mudança da orientação não acontece apenas em relação à igualdade entre os gêneros mas também na atitude em relação às escolhas sexuais e amorosas de cada um.

“Ser viado ou sapatão é uma escolha de cada um”

“Deus que me livre, eu tenho nojo”

“Pode acontecer na família de qualquer um”

Algumas frases proferidas durante a aula de Educação Sexual do Aplicação. A professora fala do respeito que se deve ter para com cada indivíduo seja ele bissexual, heterossexual, homossexual.

O Colégio Catarinense, fundado por jesuítas, foi por quase oitenta anos colégio só de meninos (as meninas passaram a dividir as salas de aula em 1971). Na chamada da classe, algo interessante, que passa quase despercebido, pode expressar muita coisa. O número 24,



identificado como símbolo e sinônimo de homossexual masculino (24 é veado no jogo do bicho), não é fixado para os meninos. Mesmo sendo por ordem alfabética, a chamada é alterada pelo computador do colégio que é programado para, se eventualmente “acontecer”, trocar o nome do menino por uma menina. A mudança é “recente”, cinco anos. “O colégio decidiu fazer essa mudança por causa das reclamações dos alunos. Em época de olimpíadas o número da chamada vai na camiseta e acaba criando esse transtorno. Eu acho errado ter feito essa modificação porque acaba enfatizando o preconceito, mas a decisão foi tomada em conjunto com os outros orientadores e diretor”, explica Andréa Brasil, orientadora educacional das quintas séries do colégio.

A disciplina de Educação Sexual não fica de fora do planejamento escolar do Catarinense. A diferença é a forma como a orientação trata do assunto e a continuidade que tem o tema durante o ginásio. “Nós procuramos abordar em todas as séries mas dependendo do ano procuramos dar um enfoque maior para outros assuntos como drogas, por exemplo. Trabalhamos muito com a questão do corpo. Esse ano foram lecionadas, em média, seis a oito aulas nas turmas. O que foi possível observar é que nunca é o suficiente. Eles sempre pedem para ter mais aulas” informa Andréa.

No Coração de Jesus a disciplina tem continuidade nas séries mais avançadas mas como optativa, o que acaba trazendo um dado novo: “A maioria das turmas tem só garotas e quando tem rapazes são muito poucos. Trinta, trinta e cinco meninas e três, quatro meninos” conta Dilma. Para a orientadora, a pouca participação dos alunos se deve a outros interesses. “Eles estão mais a fim de jogar futebol, basquete, vôlei. Ainda não estão tão interessados nesse assunto quanto as meninas”.

Abordar as relações entre os sexos, papéis desenvolvidos ou simplesmente educar sexualmente de forma científica, biológica. Para Miriam Grossi, antropóloga e professora da UFSC, é preciso ir além. Ela sugere uma espécie de roteiro para a questão do gênero ser trabalhada nas escolas.

“1.Pensar no gênero dos professores. Todo indivíduo é produtor de conhecimento “sexuado”, ou seja, o conhecimento não é neutro quando se trata de transmitir o que é ser homem ou ser mulher.

2.Como são as relações de gênero na escola? Entre professores, funcionários e direção? Entre alunos? Entre professores e alunos? Como são tratados meninos e meninas?

3.Como são trabalhadas as questões como gravidez, estupro, virgindade, homossexualidade, sexualidade com os alunos?

4.Gênero e Ciências. Por que toda a ciência que ensinamos é masculina? Por que há poucas mulheres cientistas?

5.Gênero e Estudos Sociais. O papel da mulher na história.

6.Gênero e Linguagem. A língua não é neutra. Na literatura, estudar como as mulheres são mostradas como personagens, propor mais leituras de autoras mulheres e analisar como a língua pode ser utilizada de diferentes maneiras ligadas ao gênero.

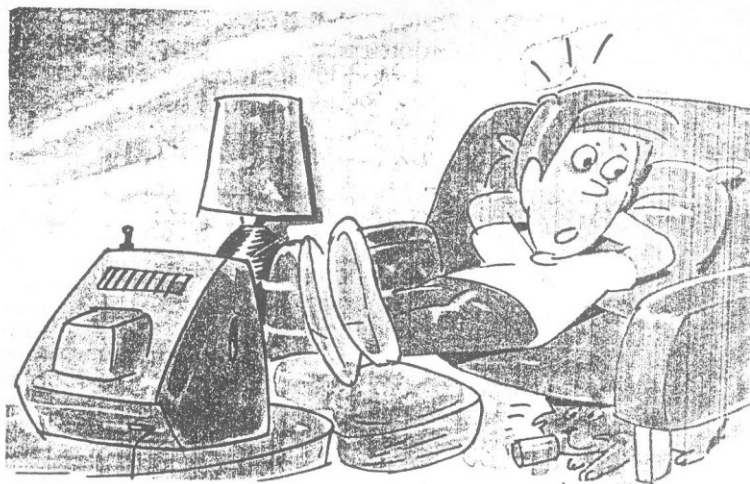
7.Gênero e Artes. Como aparece a questão de gênero no teatro, na música e nas artes plásticas.”

(Grossi, 1992, pp. 257-258)

ANEXOS III

ANEXOS III

## 5 Emoções



Olhos fixos na TV, Chico assiste às aventuras de seu herói predileto. Esfrega as mãos, úmidas de suor, morde os lábios, até que... finalmente o herói vence o bandido. Ele suspira, aliviado.

De repente, um barulho estranho... O coração de Chico dispara. Ele olha embaixo do sofá e dá de cara com o gato brincando com uma lata. O bichano também se assusta e foge de um salto, todo arrepiado. Chico dá uma boa risada.

Você já deve ter vivido situações assim. Quando você está tenso, assustado ou com raiva, seu coração dispara. Pode ser até que você sue frio, fique pálido, chore, sinta dificuldade de engolir ou até enjôo.

As emoções mudam o funcionamento do corpo.

Pense, observe e registre, no caderno, as mudanças que acontecem no seu corpo quando você:

1. assiste à vitória de seu time predileto
2. recebe afagos e carícias
3. vai fazer prova da matéria que não estudou
4. leva um empurrão inesperado de alguém
5. ganha aquele sonhado presente

EDUCAÇÃO SEXUAL NO CORAÇÃO DE JESUS

# MUDANÇAS SEXUAIS : GAROTAS

## LÁBIOS INTERNOS

Ao separar os grandes lábios, ficam visíveis duas dobras de pele, mais finas e delicadas, chamadas lábios internos ou pequenos lábios, muito sensíveis ao toque. Às vezes, eles ficam salientes entre os grandes lábios. Quando sexualmente excitados, incham ligeiramente, mudam de cor e aumentam de tamanho.

## CLITÓRIS

Entre esses lábios internos está um pequeno órgão do tamanho aproximado de uma ervilha, o centro nervoso do prazer sexual da mulher. Coberto por uma dobra de pele, é apenas ligeiramente visível. Durante a excitação sexual, o sangue corre para os vasos sanguíneos do clitóris, tornando-o avermelhado e provocando uma sensação de prazer.

## ABERTURA VAGINAL

A abertura da vagina conduz aos órgãos sexuais internos. Quando a mulher menstrua, o sangue sai por essa abertura. Embora pequena, é tão elástica que é capaz de se expandir para acomodar o pênis durante a relação sexual ou a cabeça do bebê, durante o parto.

## ÂNUS

É o orifício por onde o corpo elimina as fezes.

## ABERTURA URINÁRIA

É o orifício por onde sai a urina.

## HÍMEN

A abertura da vagina é parcialmente bloqueada por uma fina camada de pele chamada hímen. O hímen se rompe gradualmente. O rompimento pode ocorrer com a prática de exercícios físicos ou quando se introduz um tampão, durante a menstruação. Isso não causa dor e pode ocorrer sem que se perceba. Às vezes, o hímen se rompe durante a primeira relação sexual. Mas um hímen rompido não significa que a garota tenha mantido relação sexual.

## ÓRGÃOS SEXUAIS INTERNOS

Na mulher, os órgãos sexuais internos são os que produzem os óvulos para gerar bebês, provocam menstruações e abrigam o bebê durante a gravidez. Tal como o resto do corpo, eles crescem rapidamente na puberdade. São protegidos pelos ossos da pelve.

Na seção sobre os órgãos sexuais externos, vimos que a vagina vai da parte externa do corpo até os órgãos sexuais internos. Na verdade, a vagina conduz ao cérvix, também chamado de "colo do útero", pois liga a vagina ao útero.

## ÚTERO

O útero tem a forma de uma pêra invertida, e é o lugar onde os bebês crescem durante a gravidez. A cada mês, desde a puberdade até a menopausa (época em que a mulher não pode mais ter filhos), a parede do útero fica mais grossa, pronta para que o óvulo fertilizado se instale e o bebê se desenvolva. Se o óvulo não for fertilizado, ele se desintegra. A parede espessa do útero se rompe e sai pela vagina com sangue: é a menstruação.

MARIA INÊS PAGANO GASPERINI

"O QUE VOCÊ  
SEMPRE  
QUIS SABER  
SOBRE O  
EXAME  
GINECOLÓGICO  
E TEVE  
MEDO,  
VERGONHA,  
SEI LÁ, DE  
PERGUNTAR."



ILUSTRAÇÕES  
MARIANA KMAID

**Crianças vivendo com aids.  
O Brasil dá um abraço.**



**1º DE DEZEMBRO.  
DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A AIDS.**



Ministério  
da  
Saúde



O GOVERNO CHAMA A ATENÇÃO PARA AS CRIANÇAS

## INFLUÊNCIAS GLOBALIZADAS

Felipe, Caroline, Mariana, Allen, André, Luiza, Leandro, Fábio, Deborah, Mário, Vinícius, Silvio, Graziela, Jair, Tomás, Débora, Suellen, Rosa, Gabriela, Henrique, Bruno, Maria Eduarda, Márcia, Lucas, Luiz Roberto, Francisco, Anabela, Cláudia, Ângela, Luiz César, Bárbara. Filhos de professores, funcionários públicos, empregadas domésticas, pedreiros, dentistas, médicos, advogados, babás, vigias. Vindos das classes média, alta ou baixa, de uma forma ou de outra, com mais ou menos intensidade, convivem com todas as formas de comunicação na era da globalização. Todos confessaram já ter assistido a filmes pornô, pela TV a Cabo, no vídeo cassete com fitas dos irmãos mais velhos e dos pais, ou ainda, o primeiro lugar na preferência infantil, pela TV comercial, o programa Cine Privé, veiculado pela rede de televisão Band, todas as sextas à meia-noite.

“É legal porque a gente aprende”

“Aparece um monte de mulher gostosa”

“Ah, eu tenho curiosidade”

“Eu tenho nojo quando aparece mulher com mulher e homem com homem”

“Eu só vi um pouco mas não achei legal”

É certo que a facilidade em percorrer estes meios indiscriminadamente, sem nenhum tipo de controle preocupa os pais desta garotada. Segundo uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Justiça e patrocinada pela UNESCO, 75% dos brasileiros gostaria que existisse algum tipo de controle sobre o que vai ao ar. A pesquisa procurou saber quais os programas que mostravam cenas que deixavam



os pais constrangidos ao vê-las com os filhos. Em primeiro lugar veio Gugu Liberato do SBT e em seguida, a novela Xica da Silva, da TV Manchete.

Mais de 2000 pessoas foram entrevistadas, todas com mais de 30 anos. A idade dos filhos ficou entre 8 e 17 anos. Alguns pais confessaram que se sentem incomodados com as cenas de sexo e com os casais homossexuais que aparecem na TV. Segundo eles, o sexo só é bem visto quando acompanhado de amor romântico, em filmes como *A Lagoa Azul* e *Ghost*.

O comentário de Luiza reafirma a pesquisa: “Quando o Teobaldo e a Helena (personagens da novela das oito, *Indomada*, da Rede Globo) transaram, meu pai falou: Vai pro quarto menina!”, conta. As impressões dos filmes pornô de alguns meninos e meninas reflete as idéias de alguns entrevistados em relação ao homossexualidade: “Eu acho nojento quando no filme tem homem com homem e mulher com mulher”, revela Mariana que é seguida de vários *eu também*. Na pesquisa da UNESCO mais de 49% dos entrevistados admitiram ficar constrangidos com as relações homossexuais que aparecem nos filmes e novelas.

A pesquisa demonstrou, além de um descontentamento dos telespectadores com programas que exibem explicitamente a sensualidade, o erotismo, o sexo e a violência, uma diferença entre as inquietações dos adultos. Alguns demonstraram uma preocupação anti-ética: o que é bom ou ruim. Repudiam, por exemplo, filmes que associam o sexo à violência ou programas que depreciam a mulher. Mas, não têm como objetivo descartar todos os entretenimentos que oferecem erotismo e sexo. Outros revelaram uma preocupação exclusivamente conservadora: a televisão não deve em hipótese alguma veicular programas, filmes ou novelas que exibam o sexo ou o erotismo e, muito

menos, outros tipos de relações como a bissexualidade e a homossexualidade.

Mas não são apenas os programas para os “maiores” que exploram os temas eróticos. As microssaias das apresentadoras infantis como Xuxa e Angélica caçam com êxito a libido da garotada. As “caras e bocas” que as loiras praticam diante das câmeras parecem delatar um amplo conhecimento sobre como seduzir a atenção das crianças.

Num dos programas da famosa “rainha dos baixinhos”, a apresentadora Xuxa Meneghel traz uma pessoa famosa e faz um tipo de entrevista íntima. As perguntas são do tipo: *Qual o lugar mais louco que você já...? Conta uma fantasia...* A prova que as crianças estão “carecas” de “sacar” o erotismo onde quer que ele se encontre, velado ou explícito, é a maneira que os meninos se referem a estas apresentadoras: *Gostasos* e *tesudas* são as primeiras palavras que vêm em suas bocas quando questionados sobre elas. Enquanto os meninos as identificam como objeto de desejo, as meninas comentam sobre a beleza das apresentadoras. Algumas elogiam, outras as rotulam de “crianças demais” ou chatas.

Durante o Seminário sobre Exploração Sexual de Meninas e Adolescentes no Brasil, realizado em 1995, o jornalista Beto Almeida, colocou a sua preocupação em relação aos programas infantis que estimulam o duplo sentido das brincadeiras, acentuando a malícia e a sensualidade. Para ele, os programas induzem uma erotização precoce num público que não tem discernimento para tratar desse tipo de mensagem. O jornalista não sustenta a idéia de que os programas infantis não devam falar de sexo, mas incentiva um outro tipo de discurso: “porque se fosse também um debate em relação a apontamentos e situações de sexualidade, tratadas com naturalidade, com forma aberta, mas não. É tratado de uma forma que banaliza a questão sexual

e que gera um espírito de malícia, de trapaça”. Almeida ainda coloca que dessa maneira a permissividade fica valendo para qualquer idade em qualquer época e acaba se criando uma atmosfera que tudo vale, tudo pode ser aceito: “sexo com criança, por que não?”

Mas não só a TV é motivo de preocupação para os pais e talvez, nesse caso, o incômodo seja maior por parte das mães: revistas eróticas e pornográficas. Fernando, 12 anos, teve sua coleção de *Playboy* e *Sexy*, exterminada pela mãe. Marcelo e Leandro vivem situação inversa: suas coleções são “liberadas” e, mais, patrocinadas pelos pais.

### *NAS MALHAS DA REDE E PELOS LABIRINTOS DOS GAMES*

A tecnologia trouxe de presente a rede que oferece, em poucos minutos, um rápido contato com qualquer tipo de assunto e imagens. O sexo não poderia ficar de fora. Existe, nesse caso um diferencial. Enquanto na TV e nas revistas a criança só recebe as informações, na internet há a troca. Uma rápida navegada pelos sites permite ver a presença das crianças também neste lugar. Na internet o “jogo” é diferente, a criança está suscetível a qualquer abordagem. Protegidos pela rede, os navegadores passam incógnitos e podem falar o que quiserem sem se sentir vigiados. A *net* não possui nenhum tipo de barreira para menores. Os Estados Unidos, há meses atrás, entraram em uma grande polêmica se deveria haver ou não algum tipo de dispositivo na rede que impedisse as crianças de entrarem em todo e qualquer *site*.

O acesso hoje é rápido e eficiente. Escolhe-se um apelido e começa-se o bate-papo. *Quantos anos você tem? Da onde você é? O que você faz?* O papa rola solto e o clima pode esquentar: *Quer me chupar?*

“Ah, quando eu vejo uma “sala” que diz proibido para menores de dezoito anos, aí mesmo é que eu entro. Quando é proibido sempre dá mais vontade”, repete a frase batida Maria Eduarda. “Outro dia eu tava no bate-papo e um cara falou: “Sabia que eu gosto de transar com garotinhas da sua idade?” Aí eu saí fora. Quando eu tô com a minha prima a gente sempre entra nas salas e fica avacalhando”.

“Eu entro e só falo besteira. Mas só de vez em quando. Em casa eu não posso entrar porque fica marcado e meu pai não deixa. Eu vou na casa do meu amigo e a gente entra na *Playboy*”, conta Bruno.

Outra opção oferecida pela nova onda dos “pcs” são os *games*. Produzidos com estética de última geração, os temas são múltiplos. A garotada já traçou a preferência: terror e violência.

Cristiano, onze anos, brinca animadamente com um desses games. A história do jogo é mais uma daquelas que se precisa passar por dezenas de obstáculos, monstros e labirintos. Uma mulher aparece no monitor, abre e fecha incessantemente o sutiã. O tiro de Marcelo é certeiro. Adeus, mulher.

Os meios de comunicação influenciam na construção da sexualidade e consequentemente do sentimento de pudor, das crianças de hoje? Segundo o psicanalista Alberto May, os meios não tem o poder de perverter os sentimentos das crianças. O sentimento de pudor e a descoberta da sexualidade acontece em casa com as relações criadas com os pais.

Liberados ou proibidos, no final das contas, a garotada recebe e compartilha grande quantidade de informação a respeito de sexo. No caso da classe média que tem maior acesso à educação e, num

primeiro momento parece estar melhor inteirada sobre vários assuntos, é suposto que estas informações recebidas pelos filhos são observadas com cuidado e que o retorno disso para os pequenos é o diálogo. Ainda, dentro do colégio, os pais contam com as aulas que tem o objetivo de “preparar” as crianças para uma vida sexual saudável.

ANEXOS IV



## ANEXOS IV



Lara Croft,  
desfilando um  
dos modelitos  
que veste  
em *Tomb  
Raider II*:  
sedução digital

### Musa

Até o fim do mês, sai nos Estados Unidos *Tomb Raider II*, com as novas aventuras de Lara Croft, essa mistura de Indiana Jones com James Bond que usa saias, tem medidas perfeitas e enlouquece a cabeça de adolescentes mundo afora. O jogo desembarca no Brasil, com manual traduzido para o português, duas semanas antes do Natal. Será vendido por 70 reais. O primeiro jogo com a personagem, lançado há um ano, vendeu 3 milhões de cópias.

NOVIDADES ERÓTICAS

## PAIS, MÃES E A ORIGEM

“Fica difícil sustentar uma suposta neutralidade informativa no sentido educativo formal ou informal, à medida em que os adultos sentem medo ou indisposição diante das manifestações da sexualidade infantil”

Freud

Deitados completamente nus sob as espigas de milho, no paiol, eles brincam de “pelado”. Luís passa seu “pintinho” duro na “perereca” de Nair. Com oito anos cada um, a brincadeira já se tornou rotina para os primos que esperam os pais irem para roça para conhecerem um pouco mais do corpo de cada um e se deliciarem com as novas descobertas do prazer. Surpreendentemente naquela tarde, a mãe de Luís voltou mais cedo para casa. A porta se abre no momento mais excitante da brincadeira. A surpresa para Luís e Nair é dupla. Dona Zilda vê a cena e fecha a porta. O ano é 1972, em uma cidadezinha do interior de Santa Catarina. A imagem da brincadeira ainda é bem nítida na mente de Luís que confessa lembrar até do cheiro que pairava no ar.

A naturalidade com que Dona Zilda tratou a cena de seu filho e sua sobrinha não é uma atitude comum em nossas sociedades.

1997. Completamente horrorizada com a cena, o filho de quatro anos em cima de uma menina de três instigado por outra menina de oito que resolveu ensinar de brincar de papai e mamãe, a mãe do menino catou a garota de oito pelo braço e levou direto para sua casa:



“Olha só o que a sua filha estava ensinando o meu filho a fazer”. Com naturalidade que desconcertou a mãe enfurecida, a mãe da menina de oito disse: “Ai que lindo, minha filha. Só com essa idade e já sabe tudo direitinho, que lindo!”

As reações do pai e mãe para com os filhos e suas atitudes isoladas não passam despercebidas dos pequenos. “Eu quero casar bem tarde. Minha mãe sofreu muito com o meu pai. Ele era muito ‘putanheiro’, conta Cole. O projeto da menina é de adiar ao máximo suas experiências amorosas. Diferente dela Bruno, do Coração, e Felipe, do colégio de Aplicação, estão ansiosos para mergulharem nas novas experiências. Apesar dos dois apresentarem uma fala muito mais descontraída e natural, a diferença existe: “Eu sempre conversei com meus pais. Tanto com a minha mãe quanto com meu pai”, diz Felipe. “Eu não converso nada em casa. Se eu falar alguma coisa eu levo um tapaço”, revela Bruno. A forma como cada um reproduziu a convivência dentro de casa foi distinta.

A tímida Anabela revela logo no começo da entrevista a ausência de diálogo em casa.

Henrique, apesar de falar pouco, não demonstra vergonha e conta: “Eu converso com a minha mãe. Ela me explica tudo”

Para Alberto May, o primeiro sentimento de pudor criado no imaginário humano é o corte feito pelo pai quando a criança passa a transformar a mãe em objeto do seu desejo. A criança passa a entender o proibido e criar limites para o seu prazer. O que acontece normalmente é a criança transformar o amor erótico em amor terno; em alguns casos, quando não se consegue fazer essa passagem, a criança vai criar uma grande barreira. É o que acontece, segundo o psicanalista, com pessoas muito pudicas, envergonhadas: para elas, tocar é tocar sexualmente. “O sangue que está na libido vai para a face”, afirma o psicanalista. A idéia

da construção de um sentimento de pudor para a psicanálise está diretamente ligada às experiências em casa. A facilidade em falar sobre sexo com os próprios parceiros está relacionada às representações de afeto adquiridas desde a mais tenra idade.

Para May, é importante para o ser humano que exista um sentimento que crie limites para os ímpetos. O pudor é essencial porque delimita o respeito pelo corpo do outro. “O que seria da sociedade com uma total permissividade? Os tarados que entram nas escolas e tiram a roupa na frente das crianças não criaram um sentimento de pudor”.

### *VIOLÊNCIA SEXUAL*

Influências sutis na sexualidade e nos sentimentos da criança acontecem inevitavelmente. Pais que não dialogam, pais que falam o essencial, os que falam muito, os que didaticamente falam e fazem questão de ouvir. As crianças processam as informações de maneira singular. Mas as experiências podem se tornar marcantes de forma positiva ou negativa. O abuso sexual pode causar danos irreparáveis e não acontece raramente como se pode imaginar. Aparece em todas as classes, com crianças de todas as idades.

Ana Lúcia, a orientadora do Padre Anchieta, não tem apenas uma história para contar. Luciana, de dez anos, falou diretamente para a professora que o pai manteve relações com ela durante um ano. A mãe trabalhava como empregada doméstica e ficava o dia inteiro fora de casa. O pai, que era vigia, passava o dia em casa e, durante as tardes, obrigava a menina a fazer sexo com ele.

O caso chegou aos ouvidos da mãe que acabou fugindo com as crianças de Florianópolis e colocando o marido na cadeia.

Nesse caso, segundo Ana Lúcia, a mãe nem desconfiava do que acontecia, mas em outras ocasiões o caso é diferente. "As meninas chegam aqui e falam: Ana, eu vou ter que faltar duas semanas porque a minha mãe vai viajar e ela não quer me deixar sozinha com o meu padastro".

Os casos não param e os meninos também não escapam do terror. Sandra, seis anos, brincava no colégio quando acabou caindo e se sujando. A "tia" da escola foi dar banho na menina e ouviu a seguinte frase quando foi lavar os genitais da menina: "Aqui não, aqui só o papai pode mexer". Colégio e mãe se mobilizaram novamente e acabaram descobrindo que o pai abusa sexualmente dos três filhos: a menina de seis, uma garota de quinze e um garoto de onze anos. O pai, dessa vez, conseguiu fugir antes que a comunidade do morro o linchasse.

No colégio de Aplicação a orientadora Maria Luiza admite que às vezes desconfia de alguma coisa mas que nunca teve conhecimento de algum caso concreto. Maria Inês confirma muitos casos que chegam ao seu consultório. "As mães começam a desconfiar e trazem as filhas ao consultório. Teve um caso específico de uma menina, em que eu propus que a mãe chamasse um advogado, mas ela não quis e nunca mais apareceu. O medo sobre "o que os outros vão pensar" é muito presente. Mas há ainda uma outra questão, a mãe que pensa: "melhor que ele transe com ela do que comigo. Assim ele me deixa em paz".

As informações revelam que os casos de abuso sexual aparecem em todas as classes, a diferença está na forma em que se acaba tomando conhecimento dos casos. A orientadora educacional do Padre Anchieta está carregada de histórias. No Aplicação a informação não aparece mas, no consultório da ginecologista Maria Inês novamente

os casos afloram: “Quando eu trabalhava em um posto de saúde em um bairro de classe popular era muito diferente do consultório porque as mulheres que ficavam na sala de espera conversavam sobre os assuntos mais íntimos. Aqui no consultório as pessoas chegam, pegam uma revista e, mesmo se conversam, não falam sobre a sua intimidade. A classe média se comporta de forma muito diferente”, conclui Inês.

Uma pesquisa desenvolvida pela professora Cláudia Fonseca, da Antropologia, da URGs, talvez ajude a elucidar porque nas classes populares a intimidade da família é mais aberta que nas classes média e alta. A pesquisa relata o papel da mulher na favela que acaba se tornando o único membro fixo da família. Devido às numerosas relações que acaba mantendo o que já revela a circulação do pai de família, as crianças também não vão permanecer continuamente com a mãe, os motivos podem ser variados: a mãe ter receio que o novo parceiro assedie a filha ou, por exemplo, o parceiro não gostar das crianças.

A comunidade acaba participando da prática porque muitas vezes as crianças são distribuídas entre os vizinhos. Essa “divisão de atividades” com a comunidade dá a permissão para que esta tenha conhecimento e, muitas vezes, interfira na intimidade da família.

Outra possibilidade que pode ser analisada como fator que diminui a privacidade da família e, conseqüentemente, a sua necessidade de preservar a intimidade seja o espaço. “A comunidade acaba interferindo porque vê ou ouve quase tudo o que acontece. Os barracos são todos um do lado do outro. Não tem porque manter segredo e nem ter vergonha porque um caso ou outro acaba acontecendo ou na minha ou na sua família” explica Ana Lúcia, do Padre Anchieta.

As mães não ficam de fora da violência. Ou, como já se constatou, pela omissão, ou ainda de uma forma mais ativa. Em

setembro deste ano, um caso escandalizou a opinião pública. Um empresário bem sucedido comercializava meninas virgens. O telefonema gravado e veiculado por todas as emissoras de rádio e televisão trazia um diálogo entre o empresário e uma mãe que assegurava que a filha, de onze anos, era virgem.

O fato ocorrido no final do século XX acaba mostrando uma volta, um “eterno retorno” à outras épocas da história. A idéia construída que os pais e, principalmente, a mãe, desenvolve naturalmente um amor incondicional é recente. Quando assistimos a uma inexistência da família nuclear, nos deparamos com ideais de relações que caem por terra. Elisabeth Badinter, no seu polêmico livro *Um amor conquistado: O mito do amor materno*, mostra como a idéia do amor materno é histórica e culturalmente construída.

O jornalista Gilberto Dimenstein, realizou, no início da década de 90, uma grande reportagem investigativa sobre a prostituição infantil, em Belém do Pará. Tanto na cidade como no interior, as meninas eram praticamente escravizadas para oferecer seus pequenos corpos. Em novembro, deste ano, outro caso chamou a atenção dos brasileiros: meninas brasileiras são comercializadas na fronteira do Paraguai com o Brasil para servir a brasileiros em território paraguaio. Calcula-se que em todo distrito de Alto Paraná o número de meninas chegue a 1.500.

A sociedade se mostra aterrorizada quando os casos são expostos pela mídia, mas enxerga com frieza ou no mínimo indiferença as meninas e meninos de rua que, afinal, é possível imaginar(?), como vivem e sobrevivem pelas ruas. Que tipo de sexualidade vai ser construída nessas crianças?

Uma pesquisa realizada por Lisiane Leczneiski, mestre em Antropologia Social pela URGs, sobre os garotos de rua da Praça da

Alfândega, em Porto Alegre revela os tipos de relações que as crianças desenvolvem.

Para conseguir algum dinheiro extra ou “se livrar da cana” os meninos recorrem ao sexo com travestis, michês e principalmente policiais. Uma das rimas criadas pelos meninos que a pesquisadora observou mostra essa realidade:

*“Um dia pulei o muro de tico duro, pra te  
pegar. Uma nega bem assanhada baixou as calças e  
não quis me dar. Seu guarda que viu aquilo puxou  
revólver pra me matar. Seu guarda não faça isso,  
que eu dou o tico pro senhor chupar”*

O sexo, nesse momento é utilizado como arma de troca. Os meninos têm algo para negociar. O interessante é a fala que produzem sobre o sexo: apesar de admitirem a prática, dificilmente, eles confessam desempenhar um papel passivo ou submisso. O sentido do sexo para os meninos desloca-se de forma de prazer a meio de sobrevivência.

## MUITAS TEORIAS E UMA PRÁTICA

As teorias sobre a maneira pela qual as crianças adquirem uma certa conduta social que acaba abrangendo determinados conhecimentos sobre si mesma, sobre sua consciência, seu corpo, sua sexualidade são incontáveis.

A educadora Cláudia Ribeiro, em seu livro "A fala da criança sobre sexualidade humana", faz um apanhado das teorias de alguns pesquisadores sobre a construção da conduta do indivíduo. O sociólogo francês Durkheim e o psicólogo Serge Moscovici supõem um indivíduo moldado pela sociedade, interiorizando atitudes, valores e condutas consideradas válidas a essa sociedade. Moscovici vai um pouco mais além e acredita que a conduta além de ser construída a partir dos valores impostos pela sociedade vai ser influenciada pelas experiências afetivas.

Para Vygotsky e Piaget, ambos educadores, a conduta do ser humano não é formada exclusivamente pela sociedade. Vygotsky aponta para um indivíduo que se forma a partir da sua relação com o outro. "O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural". A linguagem, nesse caso, é muito importante pois fornece ao indivíduo sistemas simbólicos de representação da realidade. O autor ainda fala da importância da capacidade que a criança tem de transformar as representações.

"Dissociar, extrair partes de um todo para associá-los, agrupando elementos dissociados e modificados é um processo de extraordinária

importância para todo desenvolvimento mental, afetivo e social da criança”

Para o construtivista Piaget a criança constrói suas representações da realidade, estruturas de conhecimento(sua própria inteligência), na medida em que vai organizando e reorganizando e percebendo as contradições. No momento que percebe essas contradições o indivíduo se desequilibra mas, para Piaget esse desequilíbrio não é algo ruim. Ele acaba produzindo novos significados e destruindo padrões pré-estabelecidos.

Entrar no universo infantil, num primeiro momento, pode parecer tarefa fácil quando nos colocamos dispostos a participar efetivamente da realidade, do cotidiano das crianças, quando as tratamos da forma mais natural e espontânea, exatamente como eles se revelam para nós. O que se mostra bastante complicado é acreditar ser possível absorver por completo as suas idéias, fantasias e como elas constróem um certo tipo de postura, principalmente quando o assunto é sexualidade. Talvez, a melhor maneira de compreender as atitudes e as falas infantis é buscar imagens em nossas memórias e, acabar descobrindo que, quando criança, já temos a noção do que falar, para quem falar. Uma conversa espontânea, natural, descompromissada só acontece por decisão, exclusivamente da criança.

Luciano, 22 anos, estudante, lembra quando foi se confessar com 11 anos e disse para o padre que lia revista pornográfica. “Só não falei para ele que era a minha mãe quem me dava as revistas, imagina o que ele ia pensar. Só mandou rezar dez pai-nossos e dez ave-marias.”

As teorias, a história, os especialistas, tudo pode remeter a dezenas de caminhos mas, tratando-se de criança e da sua transição



para adolescência, nada é tão incerto e impossível de precisar. A especificidade e a diversidade descoberta no comportamento e na fala demonstra o singular de cada uma.

O encontro com as crianças e o desenvolvimento de um diálogo sobre sexo e sexualidade pode confirmar ou colocar em questão todas as teorias. As falas das crianças remetem, a cada momento, a diferentes olhares sobre o mundo e sobre elas mesmas. A maneira como cada criança vê o mundo em torno dela, sua vivência, as interferências dos pais, dos irmãos, dos tios, da escola, dos colegas, da própria mídia, são fatores que nos fazem relativizar as teorias.

Uma das teorias em questão é a que fala do peso da influência do grupo sobre o indivíduo. Ainda que, em alguns momentos, seja possível tecer algumas generalizações, há sempre um detalhe, uma situação concreta que contradizem os postulados.

A escola carrega a responsabilidade de influenciar o comportamento das crianças, mas nem sempre essa interferência vai abolir, modificar ou destruir preconceitos ou novas formas de conhecer a sexualidade. No caso do Aplicação, a escola forma, sem dúvida, um domínio do discurso. De tanto as crianças falarem e possuírem um espaço e um tempo estabelecido para se expressar, acabam fazendo acreditar os professores, os pais e, em alguns momentos, elas mesmas acreditarem que o que se precisa falar sobre sexo é falado. A fala excessiva sobre o sexo não significa desmistificar o tema, dissipar todas as dúvidas. Em muitos casos, o contrário pode acontecer: a curiosidade e as idéias equivocadas podem aumentar ou serem reforçados nas mentes infantis.

As aulas semanais de Educação Sexual do Aplicação podem levar as crianças a entender que não precisam saber ou conhecer mais ou ainda, levar os pais a acreditarem que estão "livres" da

obrigação de dialogar com seus filhos sobre sexo. A própria noção de que a disciplina de Educação Sexual é a solução para uma perfeita construção da sexualidade do indivíduo pode levar os diferentes grupos sociais a se desobrigarem desse aspecto. A escassez de um discurso tão articulado sobre a sexualidade nas outras escolas ajudou a demonstrar uma relatividade quanto à eficácia desse discurso..

Enquanto os meninos do Aplicação não admitem possuir alguma dúvida sobre sexo, os do Padre Anchieta assumem uma completa desinformação e buscam conhecer mais sobre esses assuntos. O discurso freqüente no Aplicação talvez acabe cerceando as reflexões que produzem novas dúvidas.

Educação Sexual, filmes pornô, diálogos, silêncios, Xuxa, amigos, pai, mãe. Juracy Siqueira, professora da UFSC e doutora em psicologia, acredita que vivemos em um tempo em que o sujeito é polissêmico. O indivíduo incorpora uma multiplicidade de valores contraditórios.

#### *A NECESSIDADE DE CONHECER E FALAR*

“A gente não tem ninguém para falar, quando aparece alguém a gente quer falar tudo”, explicou Maria Eduarda ao perceber a confusão que ela e as colegas estavam fazendo ao falar “tudo” ao mesmo tempo durante a entrevista.

Todas as entrevistas revelaram uma grande ansiedade das crianças, uma enorme necessidade de dialogar com alguém, informalmente, sobre a sua sexualidade. Mesmo que as conversas fossem diferentes, em algumas, sobressaía a curiosidade, em outras, o

exibicionismo. A maioria das crianças demonstrou uma vontade interminável de falar sobre si mesma, sobre suas dúvidas, pensamentos, fantasias.

Parece que falar sobre sexo propiciou uma oportunidade delas enriquecerem suas experiências, desconstruir medos, tabus e mitos que vão se agregando durante a sua curta vivência. Assumir um diálogo aberto com um adulto e com os próprios colegas pareceu possibilitar uma atitude de conhecimento do corpo, da sexualidade e consequentemente dos caminhos possíveis para alcançar um prazer desvinculado da culpa.

Quando a criança utiliza a linguagem para expressar seus sentimentos, fantasias e a própria sexualidade através deles, abre um caminho generoso para o seu próprio ser, possibilitando a recriação do que lhe foi dito ou não, transformando e construindo a seu bel-prazer uma sexualidade ideal para ela, personificada.

Estimular a fala da meninada é assumir, sobretudo, o seu lugar na sociedade como indivíduo com desejos, vontades e pontos de vista próprios. É fazer com que as crianças conheçam o que tanto desejam e, ao mesmo tempo, conhecê-las melhor para poder atender os seus anseios, sem “fazer de conta”, nem impor mais regras ou padrões que impedem uma vida plena.

A fala é um dos componentes que constrói a personalidade. Falar significa representar, ordenar, tomar consciência dos pensamentos mais confusos. É se expor aos outros e ao mesmo tempo para si próprio.

As falas do Bruno, da Maria Eduarda, da Anabela, da Bárbara, do Silvio enfim, de todas as crianças, em plena fase de transformação, retrataram, em primeiríssimo lugar, uma enorme diversidade e uma total independência das crianças com os seus lugares determinados na sociedade. Criança de classe média é assim, criança de

classe popular é assado. É preciso conhecer a história de cada uma de perto para entender que, por mais que as condições de vida sejam melhores para as crianças de classe média e piores para de classe popular, as experiências vivenciadas e a forma como cada uma observa a realidade pode determinar papéis inimagináveis para a sua vida e para sua sexualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- ARIÈS, Philippe. *A História Social da Família e da Criança*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1981.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BOLOGNE, Jean-Claude. *História do Pudor*. Rio de Janeiro, Elfos, 1990.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. São Paulo, Graal, 1983. Vol. I.
- GROSSI, Miriam Pillar., Art. "O masculino e o feminino na Educação" in GROSSI, Esther & BORDIN, Jussara (org). *Paixão de Aprender*, São Paulo, Vozes, 1992.
- HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- PERROT, Michelle., Art. "Sweet Home" in *História da Vida Privada 4*. in PERROT, Michelle (org). São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- RIBEIRO, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade humana: O dito, o explícito e o oculto*. São Paulo, Mercado de Letras, 1996.
- TUCKER, Patrícia & MONEY, John. *Os papéis sexuais*. São Paulo, Brasiliense, 1981.